

Eduardo Augusto Kneese de Mello: sua contribuição para habitação coletiva em São Paulo¹

Aline Nassaralla Regino

Arquiteta e urbanista, Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU USP, Alameda dos Arapanés, 419, apto 207, Moema, São Paulo, SP, CEP 04524-000, (11) 8181-9497, alineregino@terra.com.br

Rafael Antonio Cunha Perrone

Arquiteto e urbanista, Professor de Graduação e Pós-Graduação da FAUUSP e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Avenida Caxingui, 191, apto 211, Butantã, São Paulo, SP, CEP 05579-000, (11) 8236-9730, racperrone@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como tema a trajetória profissional de Eduardo Kneese de Mello. Caracteriza o arquiteto como personagem ativo e fundamental para a divulgação e afirmação da Arquitetura Moderna no Brasil, condição verificada em São Paulo, com maior intensidade, a partir de 1940. Expõe sua colaboração para a arquitetura brasileira relacionando a qualidade de sua obra, com os textos que produziu e com seu aguerrido empenho no processo de expansão do ensino de Arquitetura e Urbanismo, inclusive na defesa e consolidação legal das atribuições profissionais do arquiteto. O trabalho demonstra, por meio da análise de oito projetos, sua contribuição, por vezes pioneira, para a habitação coletiva em São Paulo.

Palavras-chave: Eduardo Kneese de Mello, habitação coletiva, arquitetura moderna.

Introdução

O objetivo deste trabalho foi analisar os projetos do arquiteto Eduardo Kneese de Mello e relacioná-los com sua produção intelectual, estabelecendo as relações entre teoria e prática da arquitetura ao verificar como o arquiteto projetou obras de habitação coletiva de acordo com sua interpretação sobre este tema, onde a moradia é parte de um conjunto maior que compõe a habitação. Para ser considerada uma verdadeira habitação, pressupunha-se, segundo Kneese, um bem estar maior de direito à cidadania, e aos serviços imediatos previstos na Carta de Atenas (IV CIAM, 1933), como transporte, lazer, saúde, educação. Além disso, buscou-se, também, verificar qual a relação do arquiteto com os princípios e ideais do

Movimento Moderno, analisando como tais pontos estavam presentes em suas obras.

O movimento moderno e a habitação coletiva²

A consolidação do Movimento Moderno na Europa do pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve como resultado sua identificação com preocupações sociais e priorização do atendimento às demandas da produção em massa, relacionadas à urbanização e à industrialização. Nesse sentido, a habitação coletiva, englobando seus equipamentos, que já vinha se fazendo tema da arquitetura, tornou-se objeto de grande interesse por parte dos arquitetos adeptos a este Movimento.

¹ Artigo resultante da dissertação de mestrado intitulada Eduardo Augusto Kneese de Mello I arquiteto. Análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo, orientada pelo prof. Rafael Antonio Cunha Perrone, defendida na Universidade Presbiteriana Mackenzie no ano de 2006.

² Sobre esses temas discorrem vários autores, entre eles, citamos: ARTIGAS, Julio. O sonho de morar coletivo: ideologias e projetos modelares. 2007. ... continua página seguinte

... continuação da nota 2
 294 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo; BARONE, Ana Cláudia Castilho. Team 10: arquitetura como crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002; BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981; De Feo, Vittorio. Arquitetura Construtivista - URSS 1917 - 1936. São Paulo: Wordwhitewall Editora Ltda, 2005; FRAMPTON, Kenneth. História Crítica da Arquitetura Moderna. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997; KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Livraria Nobel: Editora da Universidade de São Paulo, 1990; MINDLIN, Henrique E. Arquitetura Moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999; ROSALES, Mario Arturo Figueroa. Habitação coletiva em São Paulo 1928>1972. 2002. 313 f. Tese: (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo; SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (organização). A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930 - 1964. São Carlos: RiMa Editora, 2002; SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900 - 1990. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

Foram inúmeras as experiências e discussões relacionadas a este tema que aconteceram, principalmente, na então União Soviética, Alemanha e França. Dentre essas vanguardas, o construtivismo soviético foi o movimento artístico que "mais incisivamente propalou idéias verdadeiramente revolucionárias no campo da arquitetura e do urbanismo." (BARBARA, 2004, p. 60).

A Arquitetura Moderna repercutiu, no Brasil, influenciada não só pelas realizações européias no período entre guerras, mas também pelo debate internacional dos CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna). Após a Primeira Guerra Mundial, as vanguardas européias exerceram grande influência, quando no Brasil, o Movimento Moderno emergiu contando com a contribuição do pensamento de alguns grupos de intelectuais e artistas, principalmente paulistas.

A consolidação da Arquitetura Moderna, no Brasil, aconteceu somente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), sucedendo ao pioneirismo de alguns poucos arquitetos, como Rino Levi, Gregori Warchavchik e Flavio de Carvalho, entre outros. Naquele momento, a aceleração dos processos de urbanização e industrialização trazia à tona a questão habitacional, que logo foi assumida como tema pelos arquitetos modernos brasileiros.

No governo de Getúlio Vargas (1930-1945), o Estado incorporou a gestão e produção da habitação com o quesito social. Os arquitetos brasileiros envolvidos com a produção da habitação social adotaram as linhas gerais definidas pelo Movimento Moderno. E foram responsáveis, nos anos 1940 e 1950, por alguns exemplares significativos de habitação social de boa qualidade promovida principalmente pelos Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs). A década de 1940 foi marcada, ainda, pelo início da atuação do Departamento de Habitação Popular da Prefeitura do Rio de Janeiro, criado em 1946.

Os conjuntos dos IAPs realizaram o desejo de produzir habitação em massa para as classes menos favorecidas, por meio da incorporação de novos processos construtivos, de novas técnicas e da racionalização da construção, o que resultou muitas vezes na repetição da unidade e numa nova proposta de organização do espaço urbano.

A trajetória profissional de Eduardo Augusto Kneese de Mello

Não houve arquiteto formado em São Paulo da mesma geração dos pioneiros cariocas que tenha iniciado a sua vida profissional com a linguagem moderna e sem envolvimento com a construção. Todos os paulistas praticaram uma arquitetura eclética antes de se converterem ao modernismo; todos, também, adquiriram grande prática de canteiro, portanto rara era a encomenda de projeto sem a respectiva obra. A introdução de componentes modernos na arquitetura paulista não se iniciou mediante os recursos formais que caracterizaram a linha carioca: foi no tratamento racional e inovador das plantas que certa modernidade emergiu em São Paulo. (SEGAWA, 1997, p. 140).

Muitos arquitetos que seguiram os princípios do Movimento Moderno tiveram uma formação acadêmica forjada pelos ensinamentos e conceitos advindos da École des Beaux-Arts de Paris. Esse foi o caso da maioria dos expoentes da Arquitetura Moderna em São Paulo, tais como Eduardo Kneese de Mello, Oswaldo Bratke, Henrique Mindlin, Vilanova Artigas, Luis Saia, Ícaro de Castro Mello, entre outros.

A trajetória profissional de Eduardo Augusto Kneese de Mello teve início no ano de 1931, quando se graduou como Engenheiro-Arquiteto na Escola de Engenharia Mackenzie. Em decorrência de sua formação acadêmica, Kneese iniciou sua carreira com a concepção de projeto formulada pelo Eclétismo tardio dos anos de 1930, pois embora vinculada a escola de engenharia, a formação de engenheiros-arquitetos do Mackenzie College era, por segunda mão, forjada pelos conceitos da academia francesa. Esta postura se revelou por uma maior aproximação às belas-artes (acadêmicas) e se caracterizou por uma forte preocupação com um determinado entendimento de projeto e definição estética da arquitetura.

Portanto, os futuros engenheiros-arquitetos, discípulos de Christiano Stockler das Neves, crítico voraz das veleidades modernizadoras, aprendiam a ver, sobretudo, a arquitetura como belas-artes e utilizar elementos arquitetônicos buscando composições clássicas regidas pelos princípios da harmonia, equilíbrio e perfeição, produzindo, dessa



Figura 1: Auto-retrato do arquiteto Eduardo Kneese de Mello em seu primeiro escritório. Largo da Misericórdia, São Paulo, 1932. Fonte: acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Figura 2: Projeto-tese de uma Policlínica para São Paulo elaborado por Eduardo Kneese de Mello, 1931. Fonte: Revista de Engenharia – Centro Acadêmico Horacio Lane, 1932, n.º. 57, p. 138.

³ Segundo Eduardo Corona, no edital do último número da revista *Acrópole*: “Veja-mos a sua vida: em meados de 1937 o arquiteto Eduardo Kneese de Mello foi procurado pelo Sr. Roberto Corrêa de Brito para a confecção de um álbum impresso das obras daquele arquiteto e que foi realizado nesse mesmo ano. No decorrer das conversações ... continua página seguinte

forma, uma arquitetura eclética, composta por elementos de diversas origens, mas utilizando materiais contemporâneos.

Nessa primeira fase de sua trajetória profissional, Kneese de Mello deixou-se acalantar pelo desejo retrógrado da burguesia paulistana, de mostrar no presente o que poderia ter sido no passado. O provincianismo era retratado na paisagem urbana, onde predominavam fazendeiros e industriais, como se a cidade ainda tivesse caráter intermitente e, a casa, o valor social por excelência para ser exibido nos dias de festa. A maior prova disso é o fato de que durante os primeiros anos de sua vida profissional construiu um grande número de residências normandas, californianas, coloniais e até modernistas, atendendo ao cliente no estilo de sua preferência.

O grande número de construções residenciais que desenvolveu, localizadas nos bairros desenhados

para as famílias de renda mais alta, como os Jardins América, Europa, Paulista e Paulistano, fez com que Kneese ganhasse prestígio e se destacasse frente à sociedade paulistana.

Algumas das residências projetadas e construídas por Kneese de Mello, entre os anos de 1932 e 1937, foram publicadas, em janeiro de 1938, em um álbum impresso pela União Paulista de Imprensa (UPI), com o nome de *Construções Residenciais*. A partir de 1938, com a criação da *Revista Acrópole* – a qual contou com a participação de Kneese³ – essas residências passaram a ser publicadas, em sua maioria, nesta revista.

Em grande parte dessas residências de catálogo publicadas, tanto pela UPI como pela revista *Acrópole*, a organização espacial tinha sempre como modelo o palacete europeu, seguindo o estilo pré-escolhido pelo cliente (figuras 3, 4, 5).



Figura 3 (topo, esquerda): Residência Antonio Pinto Cardoso de Mello. Rua Canadá, São Paulo, 1938. Fonte: KNEESE DE MELLO, 1938, s.p.

Figura 4 (topo, direita): Residência Marcos Lindenberg. Rua Antonio Bento, São Paulo, 1938. Fonte: KNEESE DE MELLO, 1938, s.p.

Figura 5 (acima): Residência Bianôr Figueirôa. Rua Fonseca Telles, São Paulo, 1938. Fonte: KNEESE DE MELLO, 1938, s.p.

... continuação da nota 3 o arquiteto Kneese de Mello, sempre entusiasta das coisas da arquitetura, aventou a possibilidade de ser montada uma revista de arquitetura em São Paulo. O senhor Corrêa de Brito imediatamente interessou no assunto [sic] os arquitetos Henrique Mindlin e Alfredo Ernesto Becker, que se puseram à disposição da façanha. E o 1º número saiu em maio de 1938." (ACRÓPOLE, n.º. 390-1, p. 6, 1971).

4 Na pesquisa realizada para a tese de doutorado, nota-se a ... continua página seguinte

Sai da escola, comecei a trabalhar como construtor. Fiz algumas casinhas por aí, o Jardim América está salpicado delas, e eu fazia a arquitetura à vontade do freguês. Quando o sujeito entrava no meu escritório, eu perguntava imediatamente: qual o estilo de sua preferência? E eu fazia o estilo do sujeito, nem que nunca tivesse ouvido falar neste estilo. Eu ia estudar, ia me virar, ia perguntar e sapecava no sujeito o estilo que ele tinha pedido. Assim fui um construtor eclético. (KNEESE DE MELLO, 1979[?], p. 13).

O arquiteto, por um curto período de tempo, manifestou orgulho por essa grande produção de residências, mas após sua conversão ao Movimento Moderno passou a não reconhecer valor nestas obras, passando a renegá-las, assim como Oswaldo Bratke.

Quando fazíamos Arquitetura eclética ou acadêmica, havia assim uma certa intenção de exibição e que (...), e depois me pareceu que se chocava com a intenção social que a Arquitetura tem que representar. (...) Hoje estou convencido, absolutamente, que a Arquitetura é profundamente social. (...) Nós temos que esquecer a idéia de fazer grandes palácios e

partir para soluções mais simples, mais humanas e sociais. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, p. 101).

Eduardo Kneese de Mello costumava dizer que sua conversão ao Movimento Moderno, início de sua segunda fase profissional, foi marcada pelo corte abrupto, sem transições conciliadoras. Deixava transparecer uma falsa impressão de que:

Quase seria possível de determinar o dia e a hora em que abandonaria o convencional para ser 'moderno'. E o moderno aqui assume a importância que vai muito além do repertório formal. Revela na prática a incorporação de um ideário que se contrapõe à experiência anterior. (THOMAZ, 1992/1993, p. 81).

Falsa impressão, pois apesar de afirmar com veemência que sua conversão foi marcada pelo corte abrupto, percebe-se, mediante seus projetos, ainda ecléticos, publicados na década de 1940⁴, que sua conversão não ocorreu de forma tão radical, foi muito mais branda do que o próprio arquiteto proclamava:

... continuação da nota 4 presença de residências ecléticas nos anos de 1940, 1941, 1942, 1943, 1946 e 1947. Isso indica que a conversão de Eduardo Kneese de Mello, ao Movimento Moderno, não ocorreu exatamente como o arquiteto dizia.

⁵ Durante o V Congresso Pan-americano de Arquitetos (Montevideu, 1940), verificou-se a necessidade de criar departamentos estaduais do Instituto de Arquitetos do Brasil, que existia desde 1921 no Rio de Janeiro. O objetivo dos departamentos estaduais era reunir, em uma única entidade, todos os profissionais, concentrando assim todas as forças, evitando o surgimento de entidades isoladas, o que fragmentaria ainda mais a categoria profissional.

Figura 6: Delegação de arquitetos cariocas vindos para a instalação do IAB-SP. Estavam presentes os arquitetos Nestor Egydio de Figueiredo, Paulo de Camargo e Almeida, Eduardo Kneese de Mello e Vilanova Artigas, entre outros. São Paulo, 1943. Fonte: acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Assim, percebe-se que a propalada “conversão” de Kneese de Mello à causa da arquitetura moderna foi mais gradual do que o próprio arquiteto gostava de admitir, a partir do crescente contato com a vanguarda carioca, e bastante relacionada à sua participação ativa nos recém criados órgãos de classe. E nem poderia ser de outro modo, pois a transformação intempestiva de Kneese de Mello em arquiteto radicalmente moderno só poderia indicar sua incompreensão das novas propostas: a substituição de um formalismo por outro, em suma. (PINHEIRO, 1997, p. 293).

Essa nova fase de sua vida profissional teve um caráter mais humano e social do que a primeira, deixando de representar os desejos de mercado das camadas alta e média urbanas paulistanas, para atender à coletividade. Portanto, para Kneese, tornar-se moderno foi questionar-se qual seria a função social do arquiteto e o real significado da arquitetura, segundo o ideário do Movimento Moderno.

A quantidade de projetos e obras que marcou a primeira etapa de sua vida profissional, a fase de construções ecléticas, não foi a mesma como

arquiteto moderno. Nessa nova fase, sua prática profissional de transcorreu em outra busca estética, de atuação na realidade.

Kneese de Mello passou de copista de estilo a militante do Movimento Moderno. Nessa militância empenhou-se pela fundação do departamento paulista do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-SP, 1943, figura 6)⁵ ao lado de Rino Levi, Vilanova Artigas, entre outros.

Em seus primeiros projetos modernos, Edifício MARA (1942, figura 8), Edifício Leônidas Moreira (1942, figura 7), IAPC Cidade Jardim (1944) e Conjunto Residencial Japurá – IAPI (1945), buscou utilizar elementos fundamentais da Arquitetura Moderna, tais como os pilotis, as formas geométricas puras, as janelas horizontais e o terraço-jardim; ou seja, claramente direcionada para uma linguagem corbusieriana. Além das questões estéticas ligadas ao Movimento Moderno, o arquiteto trabalhou os diversos elementos construtivos de maneira independente, dentro de uma lógica construtiva que foi uma das principais características da arquitetura do período.

A década de 1950 foi um período de realizações e envolvimento que marcaram a atuação profissional





Figura 7: Edifício MARA. Rua Brigadeiro Tobias, 247, São Paulo, 1942. Fonte: acervo FAU USP.

Figura 8: Edifício Leônidas Moreira. Rua do Carmo, 147, São Paulo, 1942. Fonte: acervo FAU USP.

⁶ O arquiteto Roberto Alves de Lima Montenegro Filho, em sua dissertação de mestrado intitulada Pré-fabricação e a obra de Eduardo Kneese de Mello, sob orientação da Prof^a. Dra. Maria Lúcia Bresnan Pinheiro, defendida na FAU USP em 2007, estudou com maior aprofundamento a tecnologia da Uniseco, podendo oferecer maiores informações a respeito da mesma. Um dos exemplares de residências construídos com esta tecnologia, a de Horácio Kneese de Mello em Cotia, foi publicado na Revista Casa & Jardim, nº. 15, p.22-25, 1955.

de Kneese de Mello, iniciando com o projeto, em parceria com o arquiteto Luis Saia, para a I Bienal de São Paulo (1951). Outra experiência importante foi o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, de 1950, um empreendimento privado de grandes proporções, promovido pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro, para a pequena burguesia urbana paulistana, contendo moradia e comércio, desenhados por renomados arquitetos, entre eles Abelardo de Souza, Salvador Cândia, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Walter Kneese.

Ainda no início da década de 1950, a participação de Eduardo Kneese de Mello na Uniseco do Brasil S.A.⁶ empresa dedicada à habitação industrializada, foi decisiva para sua trajetória profissional. O sistema Uniseco (figura 9) combinava estrutura de madeira e painéis de fibrocimento como vedação. Essa experiência representou para o arquiteto a concretização de uma perspectiva para a modernização da arquitetura brasileira e solução



para a questão habitacional, cuja industrialização e produção seriada seriam exigidas pelo volume de sua demanda. Por outro lado, foi o seu fracasso financeiro impondo dificuldades que perduraram até o fim de sua vida.

A Uniseco do Brasil⁷ foi inviabilizada, principalmente, pelo alto custo para a época e pela diferença entre os materiais ingleses e brasileiros. Havia problemas com os materiais disponíveis e uma total falta de receptividade, gerando um final prematuro para esta tentativa, talvez pioneira no país.

Na década de 1950, trabalhou com Oscar Niemeyer em duas grandes obras. Foi seu parceiro, juntamente com Hélio Uchoa e Zenon Lotufo, contando com a colaboração dos arquitetos Carlos Lemos e Gauss Estelita, na construção do Parque Ibirapuera (1954). Participou, também, de sua equipe na construção de Brasília⁸, sendo um dos arquitetos da NovaCap (Nova Capital), entre 1957 e 1960.

⁷ No livro do arquiteto Paulo Bruna, intitulado *Arquitetura, Industrialização e Desenvolvimento* (São Paulo: Editora Perspectiva, 2002), o autor não menciona a existência da empresa Uniseco do Brasil S.A. ou suas realizações. A única obra pré-fabricada projetada por Eduardo Kneese de Mello citada nesse livro é o CRUSP.

⁸ De sua atuação em Brasília destacam-se dois projetos: ... continua página seguinte

Figura 9: Residência Horácio Kneese de Mello, construída com tecnologia pré-fabricada Uniseco do Brasil S.A. Cotia, SP, 1955. Fonte: acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

Figura 10: Posto de Assistência Médica – INPS Várzea do Carmo, 1967. Fonte: acervo FAU USP.

Figura 11: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Farias Brito, 1981. Fachada principal. Fonte: Projeto, 1981, nº. 31, p. 25.

Devido às atividades que exercia no IAB-SP e aos inúmeros convites para proferir palestras, por volta de 1959, Kneese convidou dois jovens arquitetos para trabalharem com ele em seu escritório: Joel Ramalho Junior e Sidney de Oliveira.

Um dos primeiros projetos realizados em parceria com esses jovens arquitetos, e talvez o mais conhecido foi o Conjunto Residencial para a Cidade Universitária da Universidade de São Paulo, CRUSP, de 1961. O projeto apresentou uma linguagem que permitiu a pré-fabricação e a industrialização de quase todos os seus componentes. Foi, talvez, a primeira grande experiência com este tipo de construção realizada no país.

Em uma série de projetos para a cidade de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970, defrontou-se com temas difíceis e respondeu com projetos marcados simultaneamente pela racionalidade construtiva da pré-fabricação e pelo idealismo urbanístico, arrojados e expressivos formalmente. Esses projetos são

representados pelo Posto de Assistência Médica do INPS na Várzea do Carmo (1967, figura 10), Cemitério da Vila Paulicéia, na cidade de São Bernardo do Campo (1969), Mercado Distrital da Vila Clementino (1970) e o Posto de Assistência Médica do INPS na Vila Maria Zélia (1976), desenvolvidos em parceria com o arquiteto Sidney de Oliveira.

A última obra publicada do arquiteto, de 1981, foi o edifício da Faculdade de Arquitetura Farias Brito, localizada em Guarulhos, São Paulo (figura 11). O arquiteto pertencia ao corpo docente inaugural do curso e participou ativamente de sua estruturação, ao lado de Eduardo Corona.

À medida que avançava em direção aos anos 1990, o arquiteto Eduardo Kneese de Mello dedicou-se cada vez mais ao ensino, restringindo suas atividades de projeto a poucas encomendas. Sua militância a favor da verdade na arquitetura continuou dentro das salas de aula, onde lutou para que as novas gerações não cometessem o mesmo erro, não



... continuação da nota 8 Palácio do Comércio e Palácio da Agricultura, de 1959, duas sedes de entidades federativas, no Setor Bancário Norte.

mentissem arquitetonicamente, e retratassem a arquitetura de seu tempo.

Além da luta pela verdade arquitetônica, ele travou batalhas com o Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA) em defesa das atribuições profissionais dos arquitetos. Apregoava uma máxima: Arquitetura Atribuição do Arquiteto. Frase esta que acabou se transformando em sua marca, traduzindo em poucas palavras sua luta de décadas.

A questão habitacional na obra de Eduardo Kneese de Mello

O primeiro artigo escrito por Eduardo Kneese de Mello para a revista *Acrópole* intitulado “Acrópole de Athenas” evidencia sua formação acadêmica, pois acreditava que a arquitetura grega era a “arte mais perfeita e mais pura” (KNEESE DE MELLO, 1938 a, p.14), e o finalizou dizendo que era um modelo ao qual se deve copiar e imitar.

Em seus próximos textos os objetos de suas análises começaram a mudar. Passou a estudar os monumentos históricos brasileiros, que se encontravam abandonados, e despertou grande interesse pela arquitetura colonial brasileira e suas origens.

Em 1940, escreveu “Impressões do V Congresso Pan-americano de Arquitetos”, um relato das finalidades do congresso e de seus participantes. A partir deste momento, transformou-se em grande entusiasta da Arquitetura Moderna. Empenhou-se em sua divulgação entre profissionais da área e diante toda a sociedade.

À frente do IAB-SP e como defensor incansável dos princípios do Movimento Moderno, Eduardo Kneese de Mello escreveu diversos artigos e proferiu diversas palestras em defesa do ideário da arquitetura contemporânea, expressando qual a sua posição frente aos arquitetos que ainda não haviam se convertido.

Na grande parte desses textos, o arquiteto procurou convencer o público, sejam eles arquitetos ou leigos, de que não existe outra arquitetura possível que não a contemporânea, ou seja, a Arquitetura Moderna – a verdadeira arquitetura, a que retrata fielmente o seu tempo. Discorreu, também, sobre o urbanismo.

Quando este era o assunto, citava somente a Carta de Atenas (IV CIAM, 1933), traduzida por ele para a revista *Acrópole*. Para o arquiteto, ela era o documento mais importante do urbanismo moderno.

Outro assunto muito debatido nos textos de Kneese de Mello foi a habitação coletiva, cuja concepção era a grande preocupação do arquiteto desde o final da década de 1940. Ele apresentou um estudo aprofundado sobre o conceito de habitação no Brasil, explicando-a por meio da história do país e seus ciclos econômicos desde o descobrimento em seu artigo intitulado “Evolução da habitação no Brasil”.

Em seus trabalhos, Kneese desenvolveu e divulgou uma noção de habitação baseada nos princípios do Movimento Moderno e principalmente nas recomendações da Carta de Atenas, na qual para ele a habitação não significava apenas moradia:

Eu acho que habitação não é só casa. Habitação é um conjunto e, quando nós fazemos milhares de casas, não estamos resolvendo o problema da habitação. Não adianta nada fazer mil casas num lugar qualquer se esses mil, quinhentos mil, moradores, em média, não estiverem servidos por comércio, por lazer, por escolas, por abastecimento, por trabalho, por cultura; então, este conjunto não é habitação, é um grupo de casas, mas não é habitação.

O complexo da habitação deixou de ser só a casa. A casa é um dos seus elementos, o elemento central da habitação, mas ela tem que ser servida por escolas de diversos graus, ela tem que ter o playground para a criança pequena, tem que ter assistência médica, assistência social, assistência de todo tipo. Tem o contato com o trabalho, com o divertimento, com a cultura. Então a Arquitetura deixou de ser a casa, passou a ser um complexo. E a Arquitetura de hoje tem que ser feita com essa idéia. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, s/p).

Eduardo Kneese de Mello, com base em sua vasta experiência profissional, acreditava que somente a partir da pré-fabricação seria solucionado o problema habitacional que se agravava, cada vez mais, com o decorrer dos anos, no Brasil. Empenhou-se em apregoar esta nova técnica construtiva.

Cabe ao arquiteto brasileiro a responsabilidade de pesquisar novos materiais, novas técnicas, e planejar unidades de habitação completas, que incluam a escola, o hospital, o mercado, etc. e que, além de oferecer conforto e beleza, possam ser construídas rapidamente. ... Em conclusão, parece-me que se deve procurar reduzir ao mínimo, ou à simples montagem, o trabalho na obra, e aumentar ao máximo a participação da indústria, onde os materiais poderão ser produzidos mais rapidamente, com melhor qualidade e melhor preço. (KNEESE DE MELLO, 1967, s/p).

Kneese acreditava que somente com a racionalização do projeto e com a pré-fabricação da construção é que o conceito moderno de habitação coletiva poderia atingir o grau de desenvolvimento compatível com os avanços tecnológicos de sua civilização. Por intermédio desse conceito, onde a moradia é parte de um conjunto maior que compõe a habitação, a arquitetura poderia se tornar realmente democrática, servindo de abrigo para todos os homens e não somente para alguns.

Habitação Coletiva: estudo de casos e métodos de pesquisa adotados

Dentre os projetos realizados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, relacionados à habitação coletiva, foram estudados oito exemplares na dissertação de mestrado que deu origem a este artigo

Para a seleção deles, foram estabelecidos alguns critérios que estes projetos deveriam atender, tais como: possuírem características relacionadas aos princípios do Movimento Moderno; terem sido publicados em livros ou revistas especializados; apresentarem inovações técnicas, programáticas ou formais.

Os projetos incluídos na dissertação foram: Edifício MARA (1942), Conjunto Residencial IAPC – Cidade Jardim (1944), Conjunto Residencial IAPI – Edifício Japurá (1945), Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa – Edifícios Guapira e Hicatú (1952), Edifício Juruá (1955), Edifício Demoiselle (atual Edifício Orly, 1956), Edifício Renato da Fonseca (atual Edifício Abaúna, 1960), Conjunto Residencial para os estudantes da Universidade de São Paulo – CRUSP (1961). Na dissertação, optou-se por apresentá-los, em ordem cronológica, pois deste modo, seria possível

verificar as transformações do conceito moderno de habitação na obra do arquiteto. Precedendo as análises, figuraram as fichas técnicas dos projetos, com as informações obtidas durante a pesquisa compreendendo: os projetos originais redenhados, croquis e fotografias.

Para a realização das análises foi elaborado um roteiro com base nas fichas de identificação utilizadas por órgãos públicos, como o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e o Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura Municipal de São Paulo (DPH). Esse roteiro se baseou, também, nas fichas realizadas para os inventários feitos pelo Grupo de Trabalho Docomomo – São Paulo⁹.

O objetivo principal destas análises foi estabelecer uma relação entre a produção teórica e a projetual do arquiteto sobre o tema da habitação coletiva. Buscou-se, também, compreender em quais projetos o conceito moderno de habitação, empregado e proclamado por Eduardo Kneese de Mello, estava presente, parcial ou plenamente.

Projetos selecionados

Para expor a pesquisa realizada, apresentam-se, neste artigo, quatro dos oito edifícios estudados¹⁰. Acredita-se que esses são os que possuem maior relação com a produção teórica do arquiteto Eduardo Kneese de Mello, no que se refere ao conceito moderno de habitação coletiva ou às características peculiares de proposta arquitetônica.

Nas demais obras estudadas, o conceito moderno de habitação recebeu, quando possível, algumas referências, via de regra, serviços complementares à habitação, espaços de uso coletivo, entre outros.

Com relação ao uso do vocabulário do ideário do Movimento Moderno, as análises mostraram, claramente, o uso de seus elementos. Os cinco pontos da nova arquitetura de Le Corbusier foram frequentemente, utilizados com muita sabedoria e racionalidade, dentre eles destacam-se os pilotis, as aberturas horizontais e o terraço-jardim. Os ensinamentos da escola carioca foram utilizados em alguns projetos, como os elementos vazados ou

⁹ Os inventários realizados pelo Grupo de Trabalho Docomomo – São Paulo foram apresentados durante a realização do I Seminário Docomomo São Paulo (Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2004) e III Seminário Docomomo Estado de São Paulo (Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005). No primeiro seminário foram estudados os exemplares de arquitetura moderna no bairro da Vila Mariana. No segundo, as obras localizadas nos bairros do Pacaembu e Higienópolis.

¹⁰ Os demais edifícios podem ser consultados em REGINO, 2006, p 128-240. Disponível em: http://mx.mackenzie.com.br/tede/tde_busca/index.php

tijolos de vidro, mas quase sempre como elementos secundários.

O arquiteto Eduardo Kneese de Mello buscou, incessantemente, incorporar nos aspectos construtivos as características da racionalidade e padronização advindas dos conceitos de reprodutibilidade do ideário Moderno. Essa busca possibilitou o uso da pré-fabricação, em larga escala, no projeto do Conjunto Residencial para os estudantes da Universidade de São Paulo - CRUSP, experiência de industrialização, em escala, que pode ser considerada pioneira no Brasil.

Conjunto Residencial IAPC – Cidade Jardim

Proprietário: Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Comerciantes (IAPC)

Arquiteto: Eduardo Kneese de Mello

Colaboradores: arquiteto Hélio Duarte (projeto dos conjuntos hospitalar e de ensino), arquiteto Roberto

Burle Marx (paisagismo), engenheiro Meinberg (concreto armado), engenheiro V. Conceição Gomes (orçamentos, especificações e materiais), engenheiro Carlos Coutinho (instalações hidráulicas), escritório técnico Otavio Marcondes Ferraz (instalações elétricas), engenheiro Luis Carlos Berrini (arruamentos), José Zanine Caldas (maquete).

Ano: 1944 (projeto)

Endereço: Avenida Cidade Jardim x Marginal Pinheiros, Cidade Jardim – São Paulo, SP.

O terreno em que o Instituto de Pensões e Aposentadorias dos Comerciantes (IAPC) pretendia construir o conjunto residencial cujo projeto foi designado ao arquiteto Eduardo Kneese de Mello, se situava à margem direita do Rio Pinheiros, parte à direita e parte à esquerda da Avenida Cidade Jardim. Sua área, conforme implantação (figura 12) era, aproximadamente, de 240.000 m². A maior parte do terreno localizava-se à esquerda da Avenida

Figura 12: Implantação.
Fonte: acervo RALMF. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

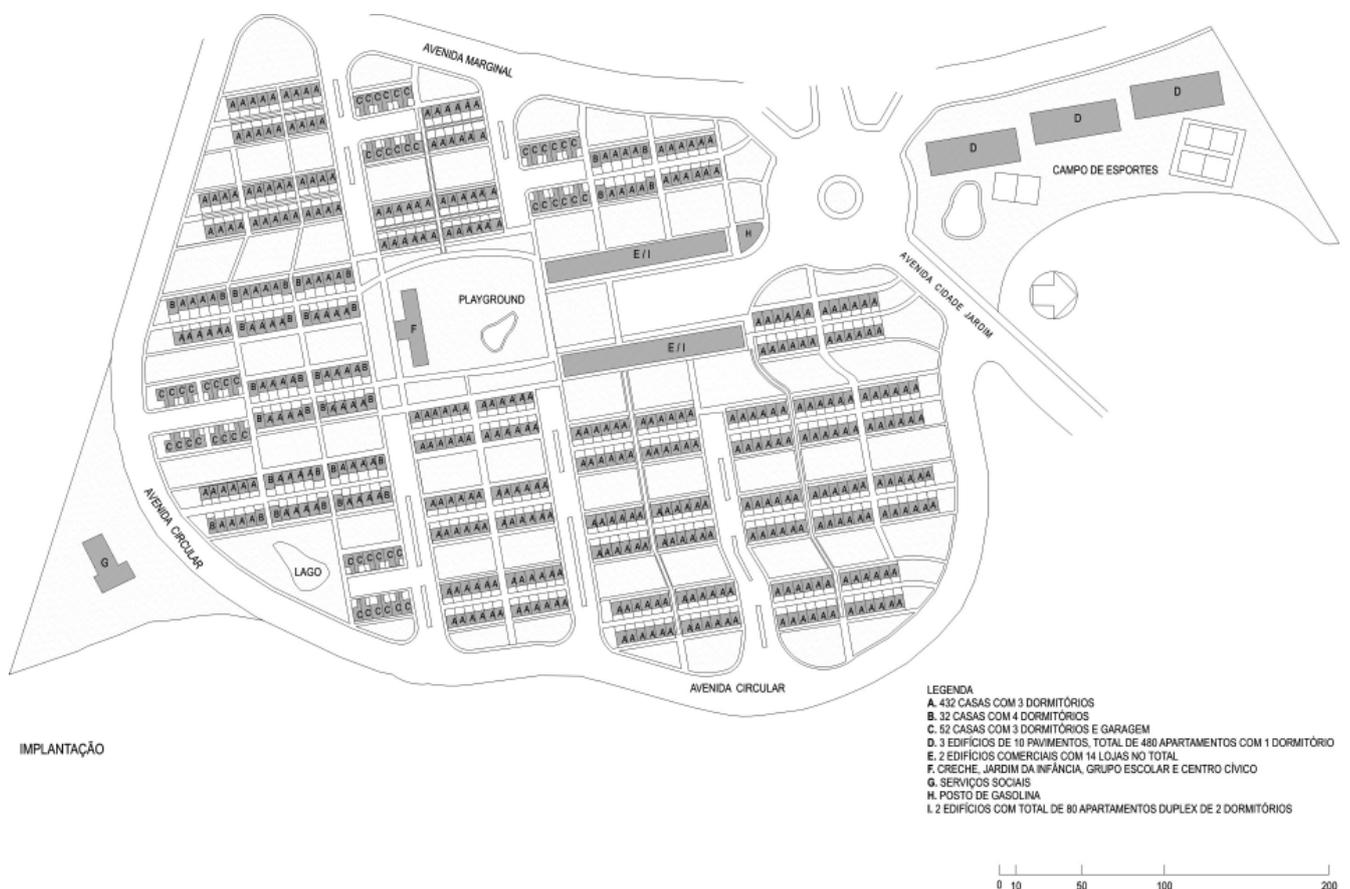




Figura 13: Vista geral da implantação do conjunto – maquete. Fonte: Acrópole, n.º. 184, 1954, p. 183.

Cidade Jardim, no sentido centro – bairro, sendo a topografia regular, não alcançando dois metros o desnível entre o ponto mais baixo e o mais elevado (figura 13).

Kneese de Mello procurou realizar o projeto com base nas diretrizes¹¹ traçadas pelo arquiteto Francisco Kosuta, diretor da seção de Engenharia da Delegacia de São Paulo do IAPC. Seguindo a primeira diretriz¹², relativa aos moldes sociais modernos de habitar, Kneese considerou, nesse projeto, como complemento indispensável à residência os equipamentos de uso coletivo. Foram incluídos no programa: conjunto educacional e social, composto por creche, jardim de infância, escola primária e centro social (figura 14); ambulatório e maternidade (figura 15); centro comercial com catorze lojas (figura 27); posto de gasolina; conjunto de oficinas para pequenos serviços (figura 16); playground; campo de esportes; e área destinada a um parque¹³.

Os equipamentos coletivos estavam implantados da seguinte maneira: a escola e o playground foram localizados no centro do terreno, dessa forma, a distância máxima de uma residência à instituição de ensino e lazer seria de, no máximo, 350 metros em linha reta; o centro comercial estava próximo da Avenida Cidade Jardim, com via de acesso

direto para os veículos e outras vias de acessos aos pedestres; o ambulatório, a maternidade e as oficinas para pequenos serviços foram instalados em pequenas saliências do terreno, por fora da avenida circular; o posto de gasolina localizava-se nas imediações do centro comercial, próximo da Avenida Cidade Jardim; o campo de esportes estaria localizado próximo aos edifícios residenciais, na faixa de terreno localizada entre as avenidas Cidade Jardim e Marginal Pinheiros, próximo à rotatória de acesso ao conjunto residencial (figura 17).

O traçado das ruas foi outro ponto de grande relevância deste projeto. Para tanto, foram projetados dois tipos de vias: o primeiro exclusivo para veículos, sendo asfaltadas com a largura de vinte metros; e o segundo, para pedestres, com quatro metros de largura e protegidos das intempéries por uma cobertura de dois metros de largura (figura 18). As vias de pedestres estavam voltadas para as ruas de serviços, nas fachadas posteriores das residências, seriam cobertas com telhas Eternit (cimento amianto) ou, se o custo permitisse, seriam utilizadas lajes de concreto.

Com relação às residências, Kneese propôs para os casais com filhos ou famílias com três ou mais pessoas, casas geminadas em blocos de seis, atendendo as

¹¹ As diretrizes foram consultadas em: MELLO, 1945, s.p. Foram transcritas em REGINO, 2006, p. 155-6.

¹² A primeira diretriz diz: “o projeto deverá conduzir à realização de um conjunto residencial em moldes sociais modernos, articulados na disposição urbanística e composição arquitetônica, de acordo com os níveis de vida das categorias dos comerciários, compatíveis com aquele local (...)”. (MELLO, 1945, s.p.)

¹³ Sobre a área reservada ao parque, em artigo publicado na revista Acrópole (n.º. 107, p. 275), consta que a mesma deveria ser doada à Prefeitura Municipal do Município de São Paulo, conforme exigia a legislação em vigor. Contudo, nenhuma outra informação a respeito deste assunto foi encontrada.

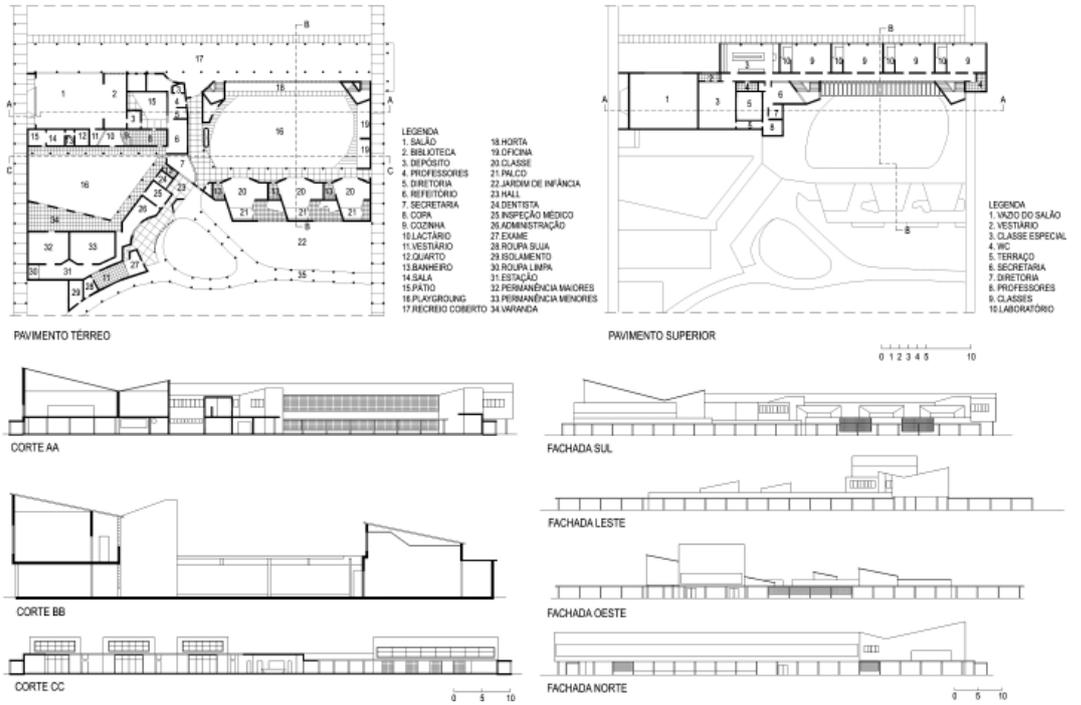


Figura 14: Projeto da creche, jardim da infância, primário e grupo social – tipo F. Fonte: Acrópole, 1947, n.º. 107, p. 282-3. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

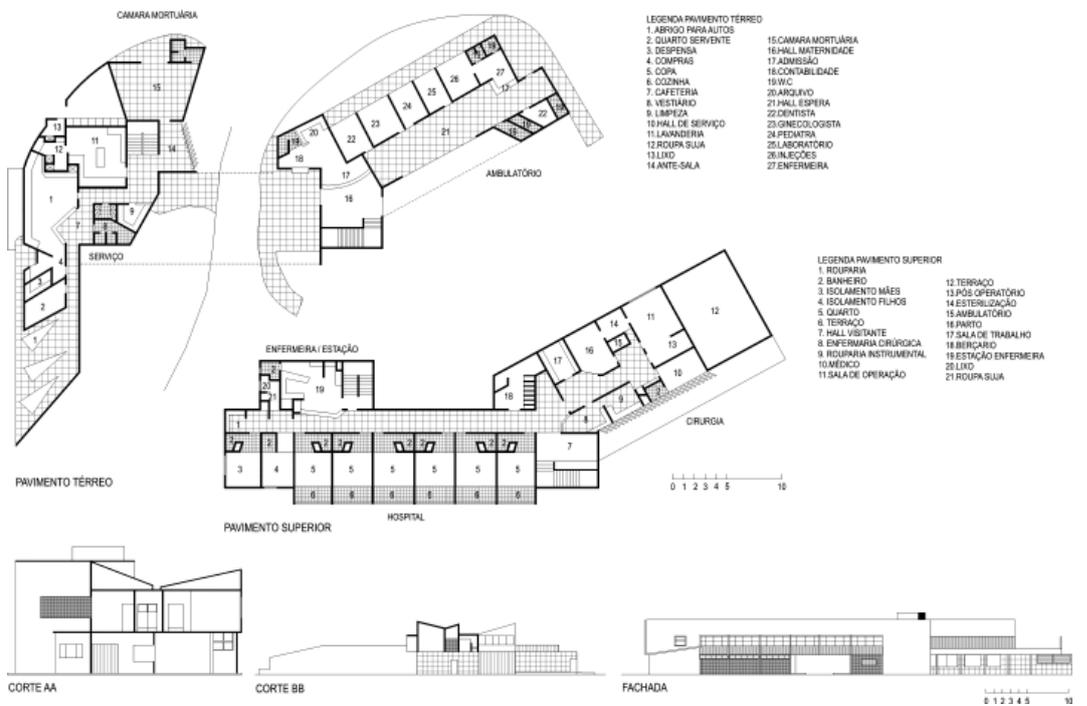
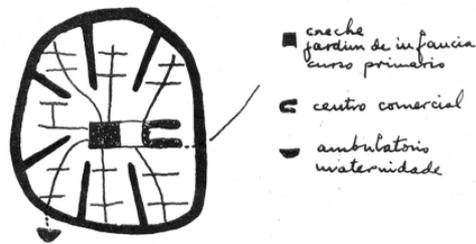
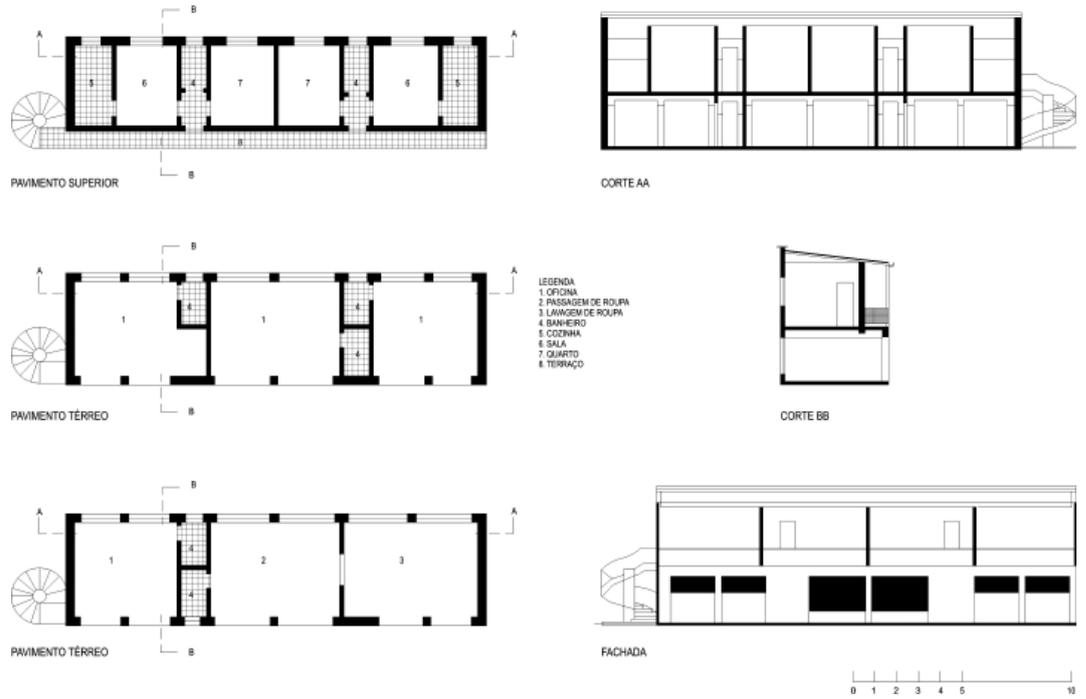


Figura 15: Projeto do edifício hospitalar e de serviços sociais – tipo G. Fonte: Acrópole, 1947, n.º. 107, p. 284. Redesenho: Evie Cristine Meyer.



4 m. 30 m.

todo o movimento de serviço é feito pelo fundo das casas, por uma passagem coberta. Os jardins são públicos e cada casa tem um pequeno quintal privado.

os caminhos para pedestres não se cruzam com os caminhos para veículos

De qualquer das casas, uma criança pode ir à escola, ao centro comercial, ao ambulatório ou a qualquer outra casa, a pé, sob cobertura e sem cruzar com veículo.

Solstício de inverno

em qualquer época do ano, qualquer sala ou quarto recebe sol.

Figura 16: Projeto das oficinas de serviços – tipo J. Fonte: acervo RALMF. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 17: Croqui explicativo feito pelo arquiteto. Fonte: acervo FAU USP.

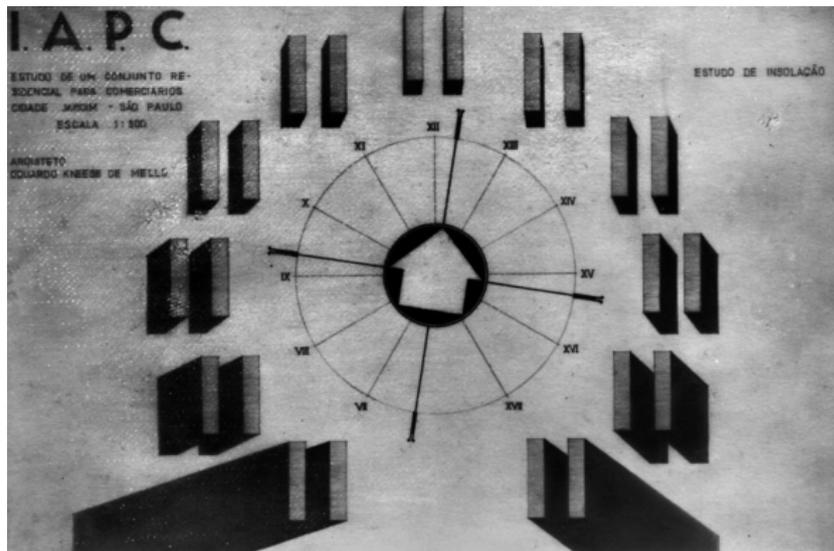
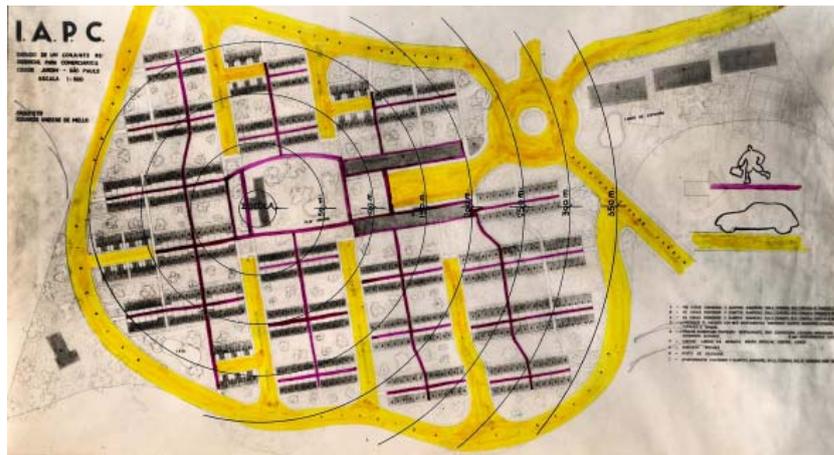


Figura 18: Estudo de tráfego, onde se observa a separação das vias de pedestres (carmin) e automóveis (amarelo). Fonte: acervo RALMF.

Figura 19: Estudo de insolação. Fonte: acervo RALMF.

determinações do Código de Obras e diretrizes formuladas pelo IAPC. Outro motivo decisivo na escolha desse número foi o fator econômico, pois, dessa forma, cada bloco não atingiria um comprimento excessivo, o que traria dificuldades para a construção. E, além disso, facilitou o planejamento do conjunto, por meio do estabelecimento das vias de pedestres.

As residências foram implantadas na parte maior do terreno, próximas à escola, ao centro comercial e serviço de assistência social, evitando que as crianças tivessem que atravessar a avenida Cidade Jardim, via cujo tráfego era intenso e rápido. O desenho dessas residências iniciou-se mediante o estudo da insolação. Atendendo à legislação vigente e às diretrizes do IAPC, era necessário que todos os

dormitórios e salas de todas as casas recebessem sol (figura 19).

As residências foram divididas em três tipos (figura 20):

Tipo A – sobrados geminados de seis em seis: sala, cozinha, três dormitórios, banheiro, wc para empregados, área de serviço e terraço;

Tipo B – sobrados geminados colocados nas extremidades dos grupos de casas “tipo A”: sala, cozinha, quatro dormitórios, banheiro, wc para empregados, área de serviço e terraço;

Tipo C – sobrados agrupados de seis em seis: sala, cozinha, garagem, três dormitórios, banheiro, wc para empregados, área de serviço e terraço.

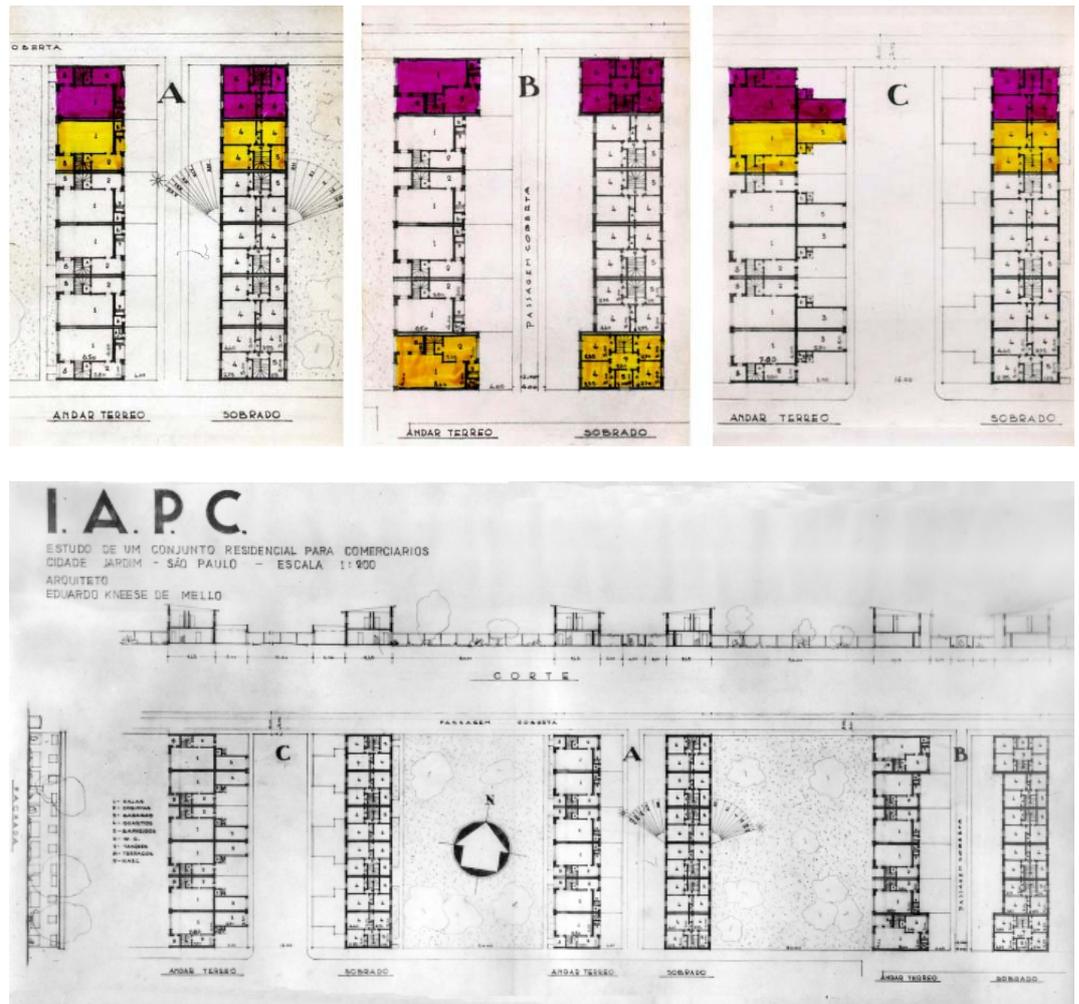


Figura 20: Detalhe das plantas das residências tipo A, B, C. Fonte: acervo RALMF.

Figura 21: Estudo para implantação das residências geminadas. Fonte: acervo RALMF.

Nas fachadas principais dessas residências foram abolidos os jardins privativos. As casas estão voltadas para os grandes jardins coletivos, gramados e arborizados. Nas fachadas posteriores, foram projetados pequenos quintais fechados para os serviços domésticos e que se comunicam com a rua de serviço, dando acesso às vias de pedestres cobertas. Todo o movimento de serviço dessas residências era feito exclusivamente pelos fundos (figura 21).

Para os casais sem filhos, com um só filho ou solteiros, a solução adotada foi o apartamento, pois, sendo a mais econômica, oferecia ainda, segundo o arquiteto, “outras vantagens como a facilidade de arrumação e conservação, o convívio comum

e, especialmente, a economia do terreno, cujas sobras, no nosso caso, podemos aproveitar para a praça de esportes” (KNEESE DE MELLO, 1945, s/p). Essas unidades habitacionais foram divididas em duas tipologias: de um e dois dormitórios.

As unidades habitacionais de um dormitório localizavam-se na parte menor do terreno (figura 22), nas proximidades das avenidas Cidade Jardim e Marginal Pinheiros. No primeiro estudo apresentado ao IAPC, Kneese de Mello estudou essas unidades com a preocupação de reduzi-las ao mínimo, como quitinetes. A versão final do projeto apresentava um apartamento de um dormitório, um pouco maior, com sala, quarto, banheiro, terraço, wc e área de serviço.



Figura 22: Vista parcial da maquete – parte menor do terreno. Observa-se a grande lâmina residencial para famílias pequenas, o campo de esportes e parte das residências geminadas com o centro comercial, apartamentos duplex e escola. Fonte: acervo FAU USP.

No primeiro anteprojeto (1944, figuras 23 e 24), o edifício que abrigava as unidades de um dormitório era um único bloco de dez pavimentos, sobre pilotis, o que permitia o uso do pavimento térreo como passeio coberto, um prolongamento da área de lazer instalada neste pavimento. O pavimento tipo desse edifício continha 52 apartamentos divididos por um corredor central e 26 poços responsáveis pela iluminação e ventilação dos banheiros e cozinhas, além do próprio corredor. A circulação vertical era feita por meio de quatro conjuntos de hall de acesso, distribuídos de maneira eqüidistante. Os elevadores estavam em hall separados das escadas. O edifício continha, no total, oito elevadores e duas escadas.

A cobertura do edifício foi concebida como um terraço-jardim, destinada ao lazer dos moradores. Não apresentava nenhuma construção que determinasse o seu uso, somente tratamento paisagístico e duas marquises, com desenho curvilíneo, apoiadas nas casas de máquinas e caixas de escadas. Configurou-se, portanto, um espaço de uso coletivo.

As fachadas laterais eram marcadas pela verticalidade, gerada por faixas largas que correspondiam à área das salas dos apartamentos e, principalmente, por uma faixa, centralizada, de tijolos de vidro que era responsável pela iluminação dos corredores nos pavimentos tipo. As fachadas, principal e posterior, eram simétricas e ritmadas na extensão dos pavimentos e caracterizadas pela leveza do pavimento térreo suspenso por pilotis. A simetria e ritmo eram proporcionados pelas aberturas das janelas e terraços. O ritmo era interrompido somente por duas faixas verticais e eqüidistantes de tijolos de vidro onde se localizavam os elevadores e escadas. No topo do edifício, destacava-se a horizontalidade gerada pelo guarda-corpo do terraço-jardim e das marquises (figura 25).

Em seu segundo anteprojeto (1945, figura 26), Kneese apresentou outra solução para as unidades de um dormitório. Dividiu o conjunto de apartamentos em três blocos, no lugar de um só como no primeiro estudo, para efeito de comparação. Os três prédios foram implantados, na mesma área, desencontrados e com um recuo entre si. O pavimento tipo desses

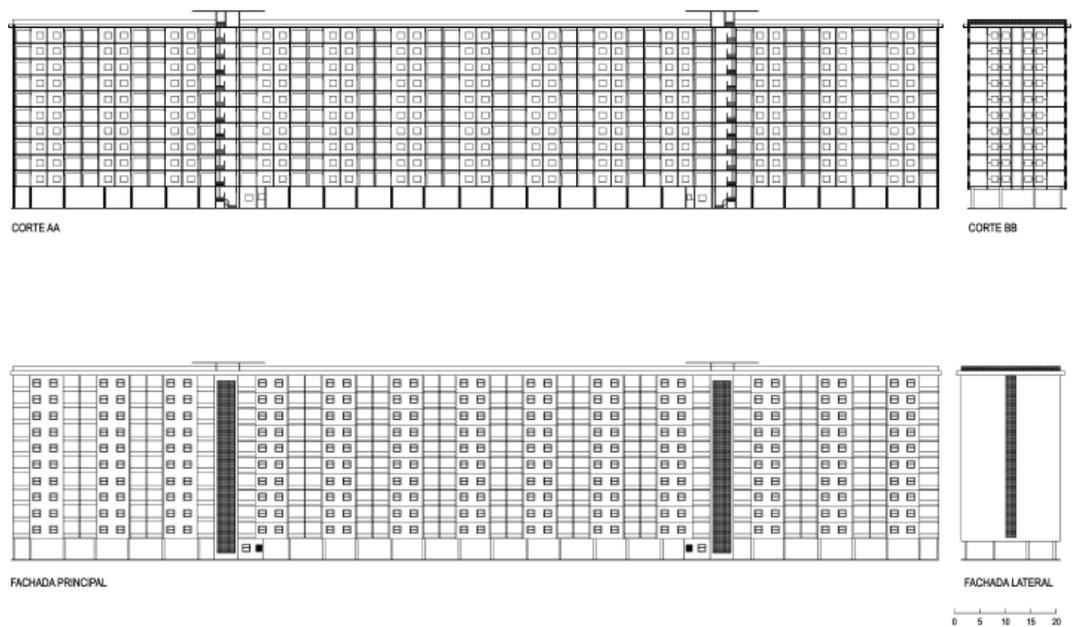
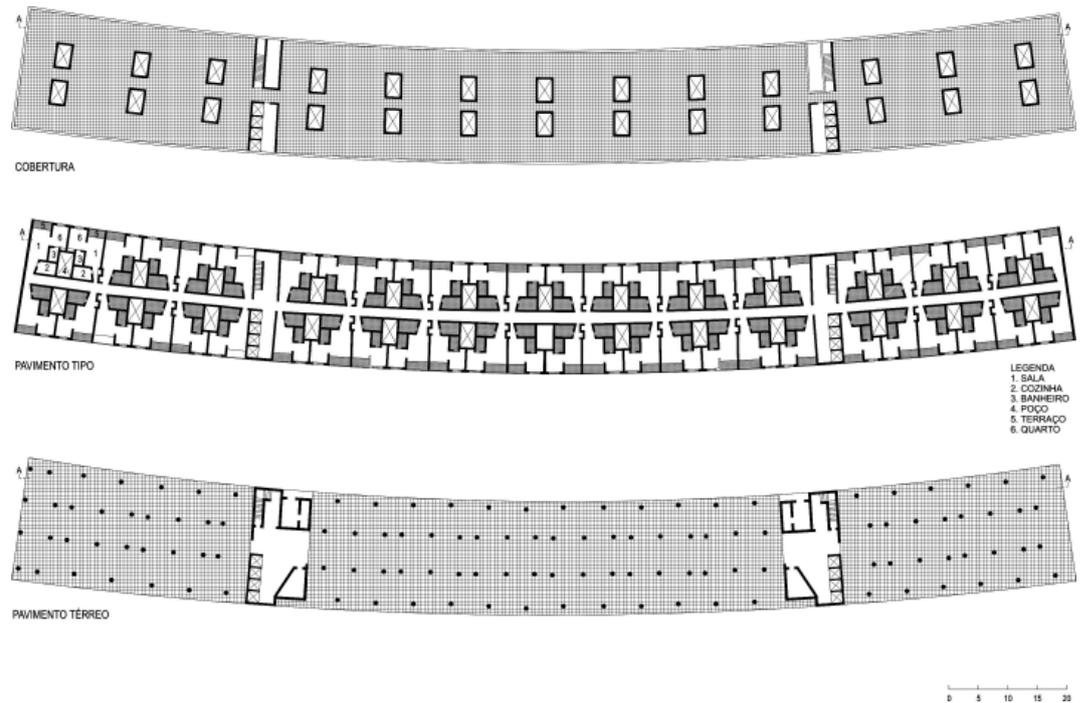


Figura 23: Plantas do edifício residencial tipo D. Primeiro anteprojeto, 1944 e opção final. Fonte: Acrópole, 1947, nº. 107, p. 280. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 24: Cortes e fachadas do edifício residencial tipo D. Primeiro anteprojeto, 1944 e opção final. Fonte: acervo RALMF. Redesenho: Evie Cristine Meyer.



Figura 25: Detalhe do edifício residencial laminar. Fonte: acervo FEBASP - Museu Belas Artes de São Paulo.

edifícios constituía-se de dezesseis apartamentos divididos por um corredor central e oito poços que garantiam a iluminação e ventilação natural dos banheiros e cozinhas das unidades. A distribuição interna dos apartamentos é muito similar a do primeiro anteprojeto: sala, quarto, banheiro, cozinha, pequena área de serviço e terraço. O hall da circulação vertical localizava-se no centro do pavimento tipo e contava com três elevadores e uma escada. Assim como no primeiro projeto, o pavimento térreo foi trabalhado como uma área livre, suspenso por pilotis; e a cobertura como um terraço-jardim destinado ao lazer dos moradores com uma única marquise.

As fachadas, frontal e posterior, do edifício eram simétricas e ritmadas, marcadas pela presença dos pilotis no térreo, dos terraços nos pavimentos tipo e da marquise no topo do edifício. Não foram encontrados os desenhos das fachadas laterais, mas acredita-se que seriam similares as do primeiro anteprojeto, marcadas pelas aberturas existentes nos corredores dos pavimentos tipo.

Em artigo publicado na revista *Acrópole* (n.º. 107, 1947, p. 273-284) sobre o Conjunto Residencial Cidade Jardim, essa segunda opção, de 1945, não foi mencionada. As fotos apresentadas evidenciam somente o grande bloco residencial, inclusive plantas e fotografias da maquete. Acredita-se que os dirigentes do IAPC optaram pelo bloco maior em

função de que ele comportasse um maior número final de unidades habitacionais, 520 contra 480. Contudo, para o arquiteto Kneese de Mello, a solução apresentada, em 1945, lhe parecia “mais interessante” (KNEESE DE MELLO, 1945, s/p).

Atendendo a sugestões do engenheiro Ulisses Helmeister e arquiteto Francisco Kosuta, Eduardo Kneese de Mello acrescentou algumas unidades habitacionais com dois dormitórios para as famílias pequenas (casais com um filho, sem filhos ou solteiros), que o primeiro estudo não previa. Essas habitações estavam localizadas sobre as lojas nos dois edifícios do centro comercial (figura 27).

Nesta solução, ao invés de projetar um edifício com corredor central dando acesso às diversas unidades habitacionais, nos dois andares desse prédio, optou por apartamentos duplex, evitando, dessa forma, o corredor interno. O acesso ao pavimento inferior dessas unidades era feito de duas formas: por meio das rampas localizadas em extremidades opostas do edifício ou das escadas, distribuídas de maneira eqüidistante. No pavimento inferior localizavam-se as áreas de convívio social e de serviço da unidade, que contava com sala, cozinha, pequena área de serviço e wc para empregados. Este pavimento era todo circundado por uma passarela elevada. Acima, estava a área íntima com dois dormitórios, banheiro e hall da escada.

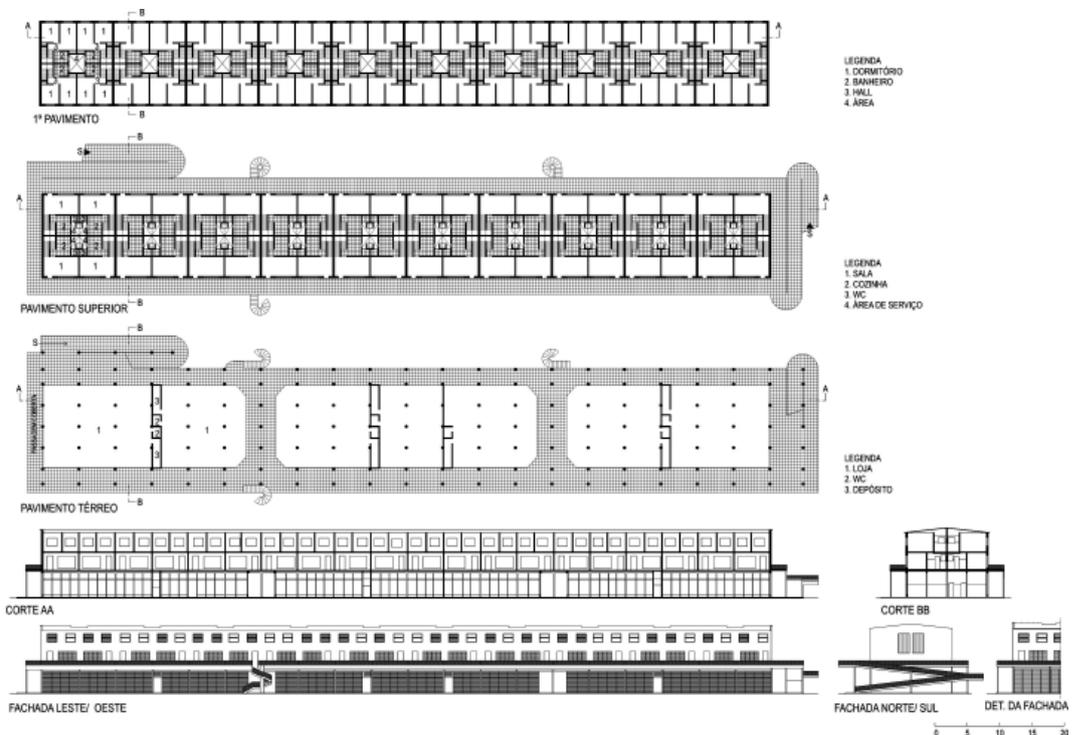
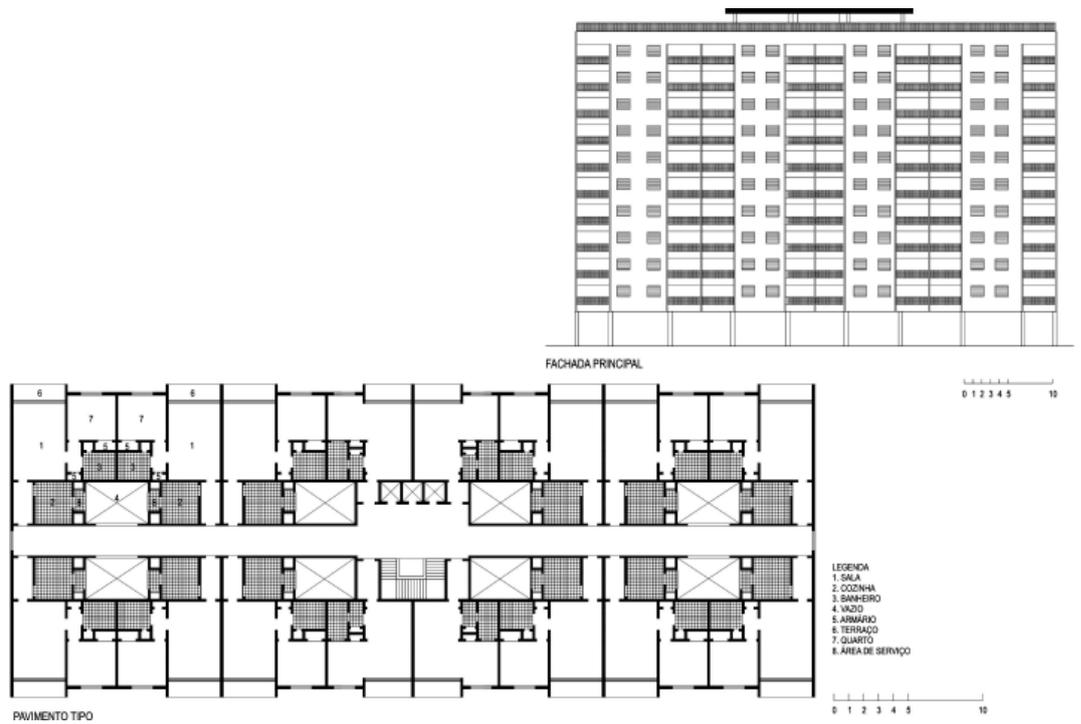


Figura 26: Projeto do edifício residencial tipo D1. Segundo anteprojeto, 1945. Fonte: acervo RALMF. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 27: Projeto do edifício comercial (tipo E) e residencial com apartamentos duplex (tipo I). Fonte: acervo RALMF. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

As fachadas laterais (norte e sul) desses edifícios tinham como elemento de destaque a rampa de acesso aos apartamentos duplex. Nas fachadas, frontal e posterior (leste e oeste), destacava-se a leveza do pavimento térreo, vedado, grande parte, em vidro e o ritmo causado pelas aberturas dos pavimentos superiores. Realçavam-se também as escadas, os únicos elementos que quebravam o duro ritmo imposto ao edifício por seu programa. Diferentemente dos demais edifícios habitacionais deste conjunto, este apresentava telhado em duas águas.

O Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim foi o primeiro projeto onde o arquiteto Eduardo Kneese de Mello aplicou as recomendações da recém publicada Carta de Atenas¹⁴ (IV CIAM, 1933), considerada por ele o mais importante documento do urbanismo moderno. Ainda neste projeto, destacavam-se os princípios básicos do Movimento Moderno, especialmente elementos corbusierianos, utilizados na composição do projeto arquitetônico.

O conceito moderno de habitação desenvolvido pelo arquiteto estava plenamente presente neste projeto. Para o arquiteto, habitar pressupunha uma condição maior, de direito à cidadania. Significava ter acesso aos bens fundamentais que garantissem a formação de uma consciência urbana, da vida do homem em sociedade. Portanto, no desenho da moradia e seus prolongamentos – o que resultaria em habitação, segundo o pensamento de Kneese – o arquiteto expressou o seu desejo e sua forma de participação no processo de transformação da cidade. Podemos entender, portanto, que o Conjunto Residencial IAPC Cidade Jardim foi uma proposta de habitação, como propugnava o Movimento Moderno. Este projeto procurou solucionar o problema da habitação por intermédio da implantação de 1118 unidades residenciais, sendo 520 apartamentos com um dormitório, 80 apartamentos duplex com dois dormitórios, 486 casas com três dormitórios e 32 casas com quatro dormitórios; e seus prolongamentos, contendo escola, centro comercial, maternidade, ambulatório, oficinas para pequenos serviços, playground e centro esportivo.

O Arquiteto, depois que ele realiza uma determinada obra, ele começa a olhar para trás e a pensar que poderia ter feito mais isto, menos aquilo, e que

a obra poderia ter merecido umas correções em alguns pontos. Mas eu considero que fiz alguns trabalhos que me alegraram, alguns já construídos e outros que até hoje não foram construídos, por exemplo, o IAPC (...). Infelizmente as coisas acontecem aqui no Brasil assim, quer dizer, muda o diretor da Empresa, da Secretaria, do Ministério, e as idéias do novo diretor são diferentes. Então quando o meu projeto já estava pronto mudou o presidente do INPS, do IAPC naquele tempo, e as minhas idéias eram consideradas inexecutáveis e outros adjetivos. (depoimento de Eduardo Kneese de Mello. In: SANTOS, 1985, p. 94-5).

Ainda que este edifício não tenha sido construído, seu projeto serviu como experiência para Eduardo Kneese de Mello e esse conhecimento reflete-se no projeto do Conjunto Residencial para o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI, 1945).

Conjunto Residencial IAPI – Edifício Japurá

Nome atual: Edifício Dr. Armando Arruda Pereira
Proprietário: Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (IAPI)

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello e Roberto Burle Marx (paisagismo)

Construção: Louzada, Cavalcanti & Cia. Ltda.

Ano: 1945 (projeto); 1957 (construção)

Endereço: Rua Japurá, 55 e 109, Bela Vista – São Paulo, SP.

O Conjunto Residencial para o IAPI localizava-se no antigo vale do córrego Bexiga no bairro da Bela Vista. O local era um complexo labiríntico de cortiços, implantados a partir de 1920, cujo proprietário era o Sr. Francisco Barros. Neste complexo, pátios irregulares articulavam o conjunto de quatro diferentes cortiços: Vaticano, Pombal, Navio Parado e Geladeira (figura 28).

O cortiço era composto por edifícios independentes, cada qual com características próprias, porém seu conjunto configurava um desenho único, com acessos controlados, formando uma espécie de cidadela onde acabou surgindo um modo de morar coletivo. (BONDUKI, 1998).

Esse conjunto foi um forte símbolo da produção rentista em São Paulo, num período marcado pelos empreendimentos privados voltados para a

¹⁴ Apesar de discutida durante o IV CIAM de 1933, Le Corbusier publicou a Carta de Atenas somente em 1943, com prefácio de Giradoux. (BOESIGER, 1994, p. 248).

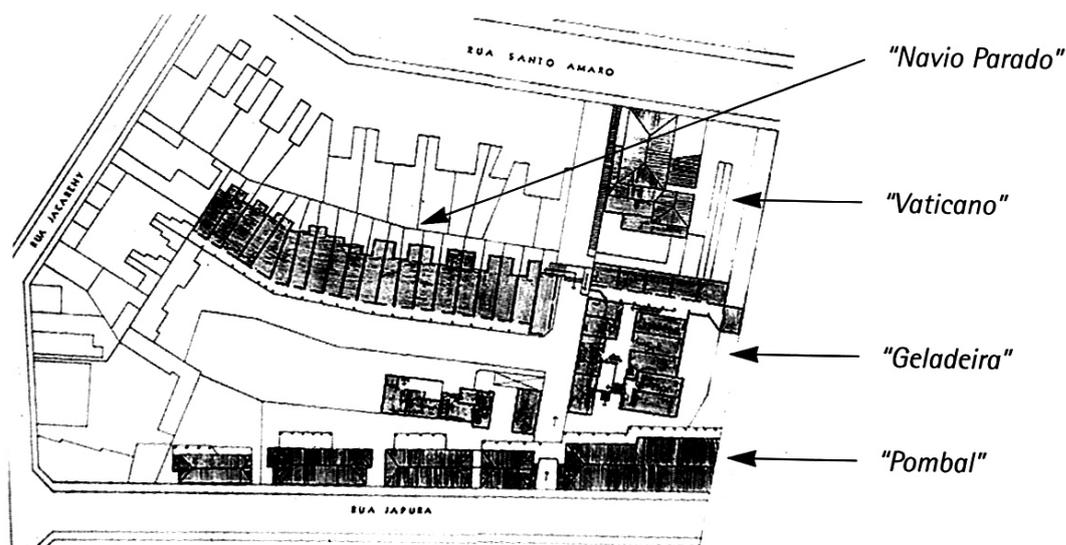


Figura 28: Implantação do complexo de cortiços formado pelo Navio Parado, Vaticano, Geladeira e Pomal. Fonte: BONDUKI, 1998, p. 55.

produção de moradias para os trabalhadores. Sua estigmatização e posterior demolição em 1948, para dar lugar a um conjunto residencial do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos industriários – uma verdadeira Unité d’Habitation – assinalou a mudança nas formas de provisão de moradias que ocorreu no país e em São Paulo durante a década de 1940. (BONDUKI, 1998, 56).

A iniciativa do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, o IAPI, contou com o apoio da Prefeitura Municipal, interessada em promover a renovação daquela área, por estar próxima do Perímetro de Irradiação do Plano de Avenidas de Francisco Prestes Maia (1930). Com sua nomeação para prefeito da capital, na década de 1940, houve um grande investimento no sistema viário para implementar o Plano de Avenidas, e, com isso foi construído o Viaduto Jacareí em uma das faces do terreno onde, mais tarde, estaria localizado o projeto do IAPI. O prefeito pretendia, com isso, demonstrar que áreas degradadas, como os cortiços do Sr. Barros, poderiam ser recuperadas mediante essas intervenções.

Após sua experiência com o projeto do Conjunto Residencial para o IAPC – Cidade Jardim, Kneese de Mello conscientizou-se de que a viabilidade

da construção era um fator importante para que o projeto fosse concretizado. O alto custo do terreno e o objetivo de rentabilidade do investimento direcionavam o partido do edifício para a verticalização e para o aproveitamento máximo do terreno. A viabilidade econômica aliada à qualidade de proposta deste empreendimento foram as principais preocupações do arquiteto para o desenvolvimento desse projeto.

A implantação do Edifício Japurá teve forma semelhante a do cortiço Navio Parado, conforme se pode observar nos mapas de localização de ambas as edificações (figuras 28 e 29). O terreno em que estava implantado o edifício do IAPI era de forma poligonal, irregular e de topografia acidentada. Em quase toda a sua área, o nível do terreno era mais baixo que o da rua. A frente do terreno, voltada para a Rua Japurá, media 101,50 metros e, nos fundos, o seu comprimento aumentava consideravelmente.

À época em que esse edifício foi projetado pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello, a legislação vigente era o Código de Obras Artur Saboya. O arquiteto elaborou um estudo detalhado do código de obras, tirando partido de suas limitações (figura 30). Aproveitou o recuo do edifício para nele projetar

um bloco menor, com seis pavimentos, dos quais somente dois foram construídos, complementando o conjunto.

O bloco menor, situado ao nível da rua, destinava-se a pequenos conjuntos comerciais, com a finalidade de servir aos moradores do prédio e da vizinhança. Acima dessas lojas, internamente, encontravam-se pequenos apartamentos com um cômodo e banheiro (quitinete, figura 31), para moradores solteiros.

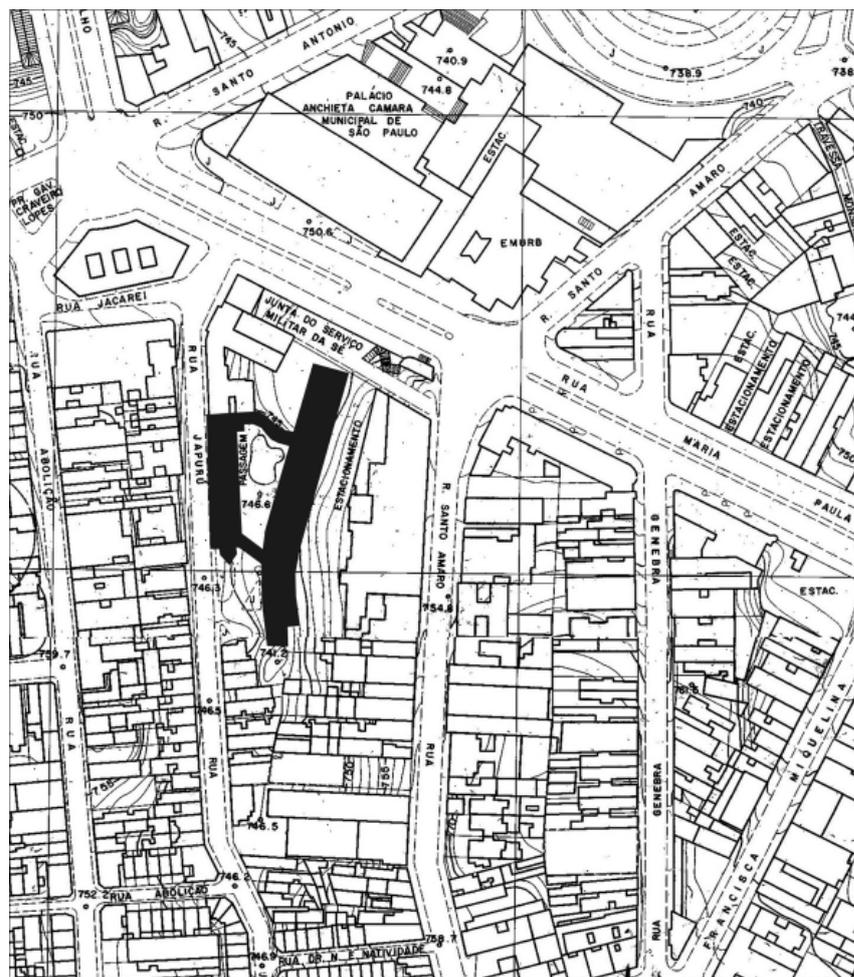
O acesso ao bloco principal, recuado quase dezoito metros da rua, era feito por meio de pontes envidraçadas, que remetiam às passarelas que interligavam os cortiços que o antecederam (figura 32).

Este edifício foi concebido como uma grande lâmina com apartamentos duplex. Além de propiciar a

divisão entre espaços íntimos e os destinados a usos sociais, a adoção dos apartamentos duplex permitiu grandes economias na construção.

O edifício tipo lâmina é composto por 288 unidades habitacionais distribuídas em catorze pavimentos. Procurando aliar qualidade à economia, Kneese de Mello reduziu os custos ao projetar apartamentos em dois níveis com corredor central nos andares inferiores (pares). O corredor central acompanhava o desenho da lâmina por quase toda a sua extensão, exceto pela face sul onde era ocupado por um apartamento. Em sua face norte, possuía uma abertura em tijolos de vidro; e, a leste, janelas voltadas para o poço de iluminação e ventilação natural. Essas qualidades, somadas à leve curvatura do edifício, conferiam qualidade a esse espaço de circulação (figura 33).

Figura 29: Localização do Edifício Japurá, sem escala. Fonte: GEGRAN, 1973.



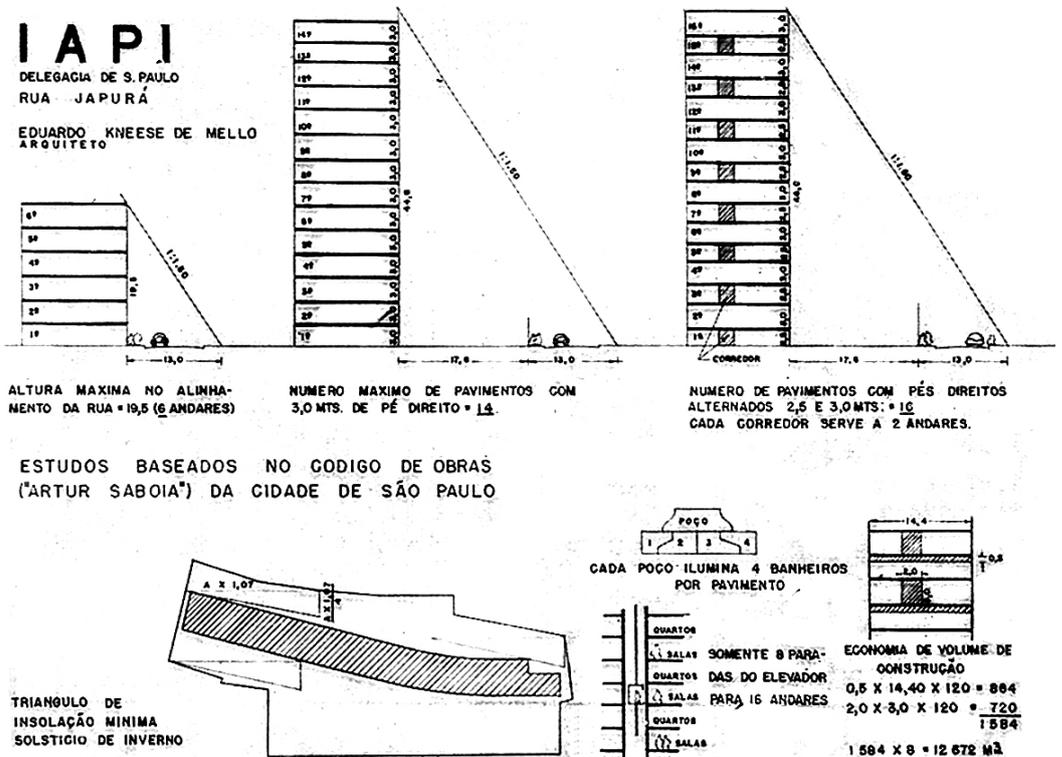
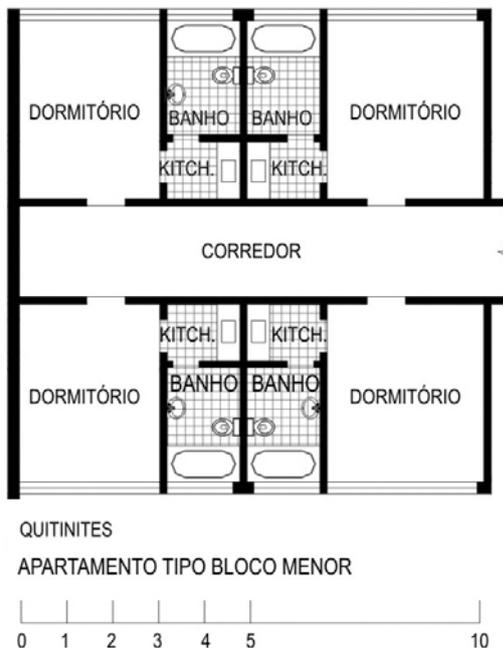


Figura 30: Estudos realizados pelo arquiteto Eduardo Kneese de Mello com base no Código de Obras Arthur Saboia. Fonte: MELLO, s.d. A, s.p. (acervo FAU USP).

Figura 31: Apartamento tipo - quitinete. Fonte: Acrópole, 1948, n.º 119, p. 284. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 32: Vista lateral do conjunto. Fonte: MELLO, s.d. A, s.p. (acervo FAU USP).



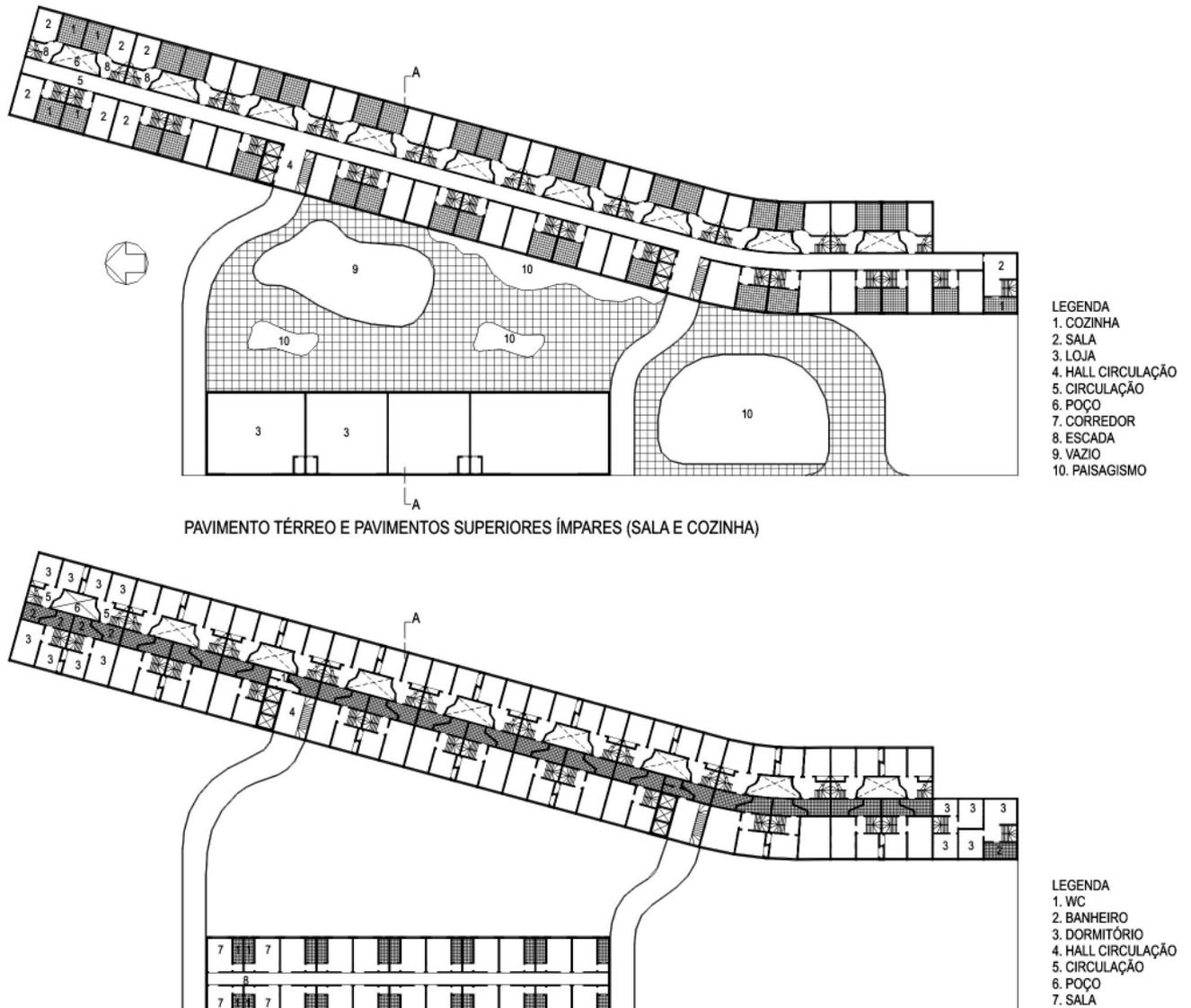


Figura 33: Planta dos pavimentos pares e ímpares. Fonte: Acrópole, 1948, nº. 119, p. 286. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Kneese optou pela utilização do apartamento duplex para minimizar a área de circulação a cada dois pavimentos, diminuindo, desta maneira, pela metade o número de paradas dos elevadores. No memorial descritivo o arquiteto apontou as vantagens dessa escolha:

1. Aumento de dois andares no edifício dentro do gabarito determinado pelo Código de Obras;
2. Redução de 50 cm de altura em cada dois pavimentos;
3. Supressão do corredor comum aos andares destinados a dormitórios;
4. Estando todos os banheiros localizados sobre o corredor central, cada poço de ventilação pode servir a quatro banheiros por andar. Além disso suas dimensões podem ser reduzidas, visto que há só banheiros em cada segundo andar;
5. Separação entre os cômodos que tem contato com o exterior (sala e cozinha) e os dormitórios, tornando estes mais privativos e confortáveis;
6. Não havendo corredor comum nos andares destinados a dormitórios o número de paradas dos elevadores fica reduzido à metade tornando-os mais econômicos e eficientes;
7. Economia de mais de 12 mil metros cúbicos de construção em comparação com um edifício que fosse projetado com 16 andares de 3 metros de pé-direito e com corredor em todos os pavimentos. (KNEESE DE MELLO, 1948, p. 284).

A divisão interna das unidades habitacionais não foi mencionada no memorial descritivo. Porém, em sua concepção, os espaços foram racionalmente divididos e aproveitados. Os poços de iluminação e ventilação, localizados ao longo do edifício, criaram apartamentos com dimensões diferentes dispostos em cada um dos lados do corredor central. Pelo fato dos poços estarem localizados na face leste do corredor, os apartamentos deste lado eram, cerca de quatro metros quadrados, menores dos que os localizados na face oeste.

Contudo, a divisão interna era a mesma e apresentava-se da seguinte forma: no andar inferior, acessado pelo elevador, toda a área de convívio social: sala, cozinha, despensa (espaço aproveitado sob a escada), hall da escada e *porta-chapéus*; no andar superior, a

área íntima, dois quartos com armários embutidos, banheiro, e o hall da escada (figura 34).

Curiosamente, ainda no pavimento superior, sobre o patamar da escada, foi estudado e implantado, um segundo patamar que servia para depósito de malas ou espaço para costura, como um pequeno mezanino. Nota-se que a área de serviço das unidades foi suprimida, “restando apenas um tanque locado em área exígua, no interior dos banheiros” (RUBANO, 2001, p. 45). Ao contrário destas soluções exíguas, as aberturas dos espaços, independente de suas funções, eram as maiores possíveis, sendo que sempre a parede externa do edifício era aberta na totalidade de sua extensão, com janelas de três metros de largura por um metro e vinte centímetros de altura.

Como parte da circulação vertical do edifício havia dois conjuntos de hall de acesso distribuídos, de maneira equidistante, contendo caixa de escada e elevadores, com cerca de quinze metros quadrados de área livre. Cada hall, com face externa composta inteiramente por tijolos de vidro, possuía iluminação intensa, criando uma composição horizontal na fachada principal do edifício (figura 35).

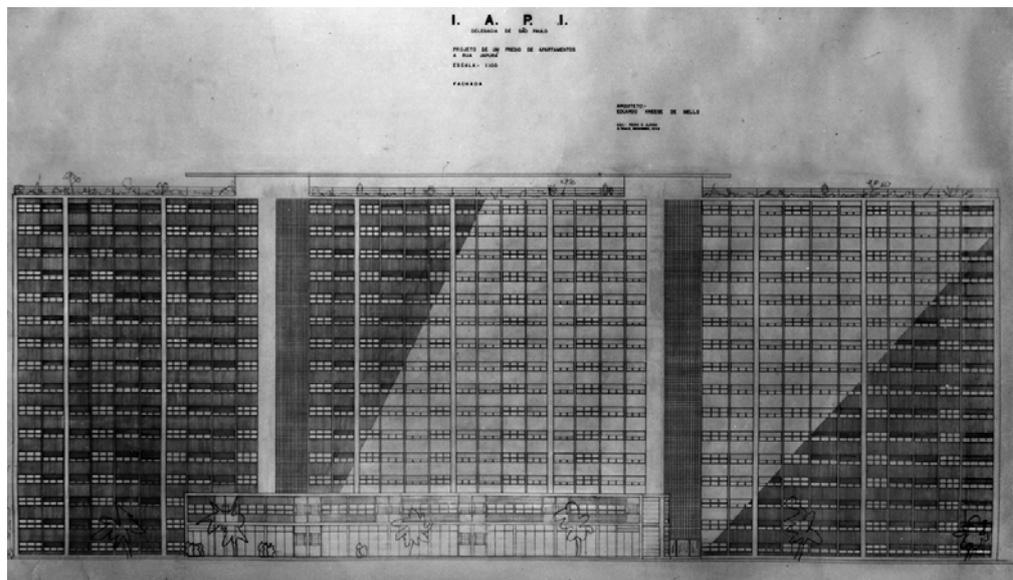
Na cobertura do edifício havia outra referência à obra de Le Corbusier, um dos cinco pontos da nova arquitetura: o terraço-jardim (figura 36). Com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx, esse espaço foi criado exclusivamente para o lazer dos moradores. Não existia nenhuma construção que determinasse seu uso, apenas uma marquise com desenho curvilíneo, recortada para manter a iluminação dos poços. Configurava-se, desta maneira, um jardim elevado, uma espécie de mirante com vista para o centro da cidade.

No subsolo do edifício (figura 36), criado para maximizar o aproveitamento do terreno, a lâmina era elevada do solo por pilotis. Seu programa englobava diversos equipamentos coletivos para atender os moradores do edifício. O maior espaço destinava-se a um restaurante. O espaço era dividido entre cozinha, um grande salão de refeições e banheiros. No desenho do grande salão, a vedação não seguia a linha estrutural do conjunto, a parede interna ao lote aproximava-se do recorte da laje que se configurava no piso térreo, procurando iluminar e ventilar, naturalmente, esse ambiente.



Figura 34: Planta dos apartamentos-tipo. Fonte: Acrópole, 1948, n.º. 119, p. 284. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 35: Fachada principal. Fonte: acervo RALMF.



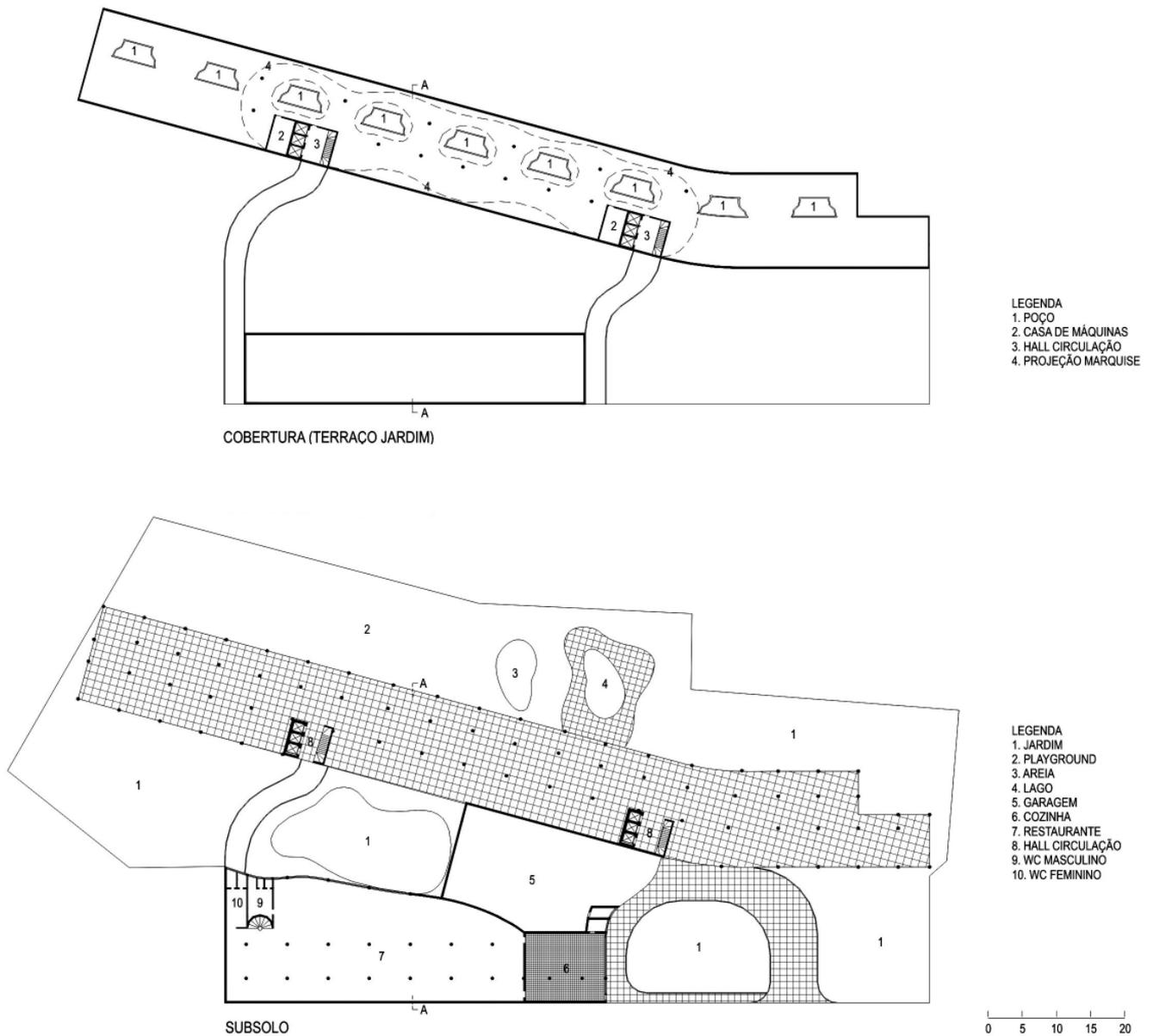


Figura 36: Planta da cobertura e subsolo. Fonte: Acrópole, 1948, n.º. 119, p. 285 e 287. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

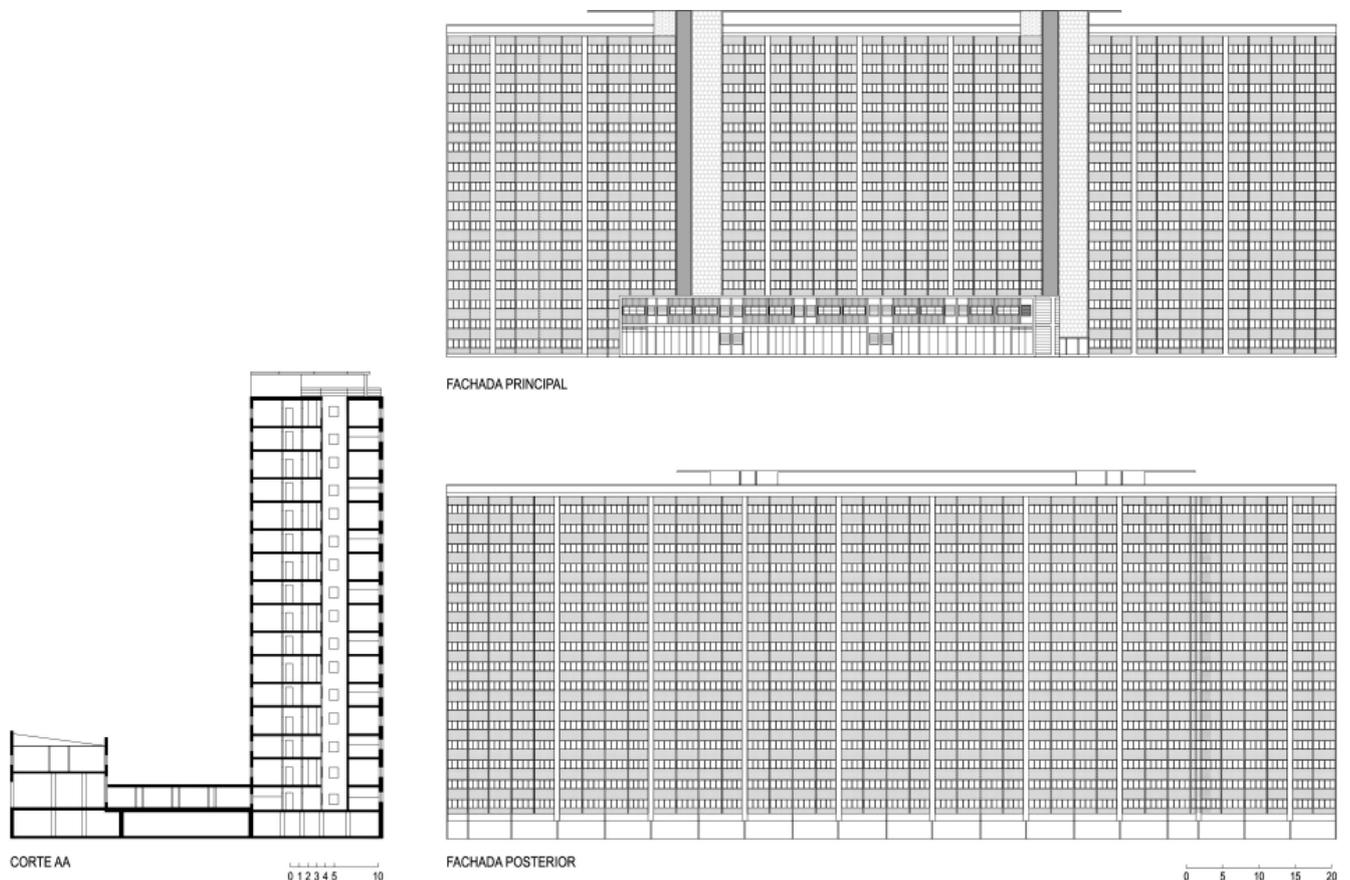
O acesso ao restaurante era feito de duas formas: pelo subsolo, onde se desenhava um pequeno estacionamento para veículos e, também, por meio da escada circular que ligava o segundo pavimento de quitinetes do bloco menor à passagem coberta para a lâmina. Ainda no subsolo, em meio ao jardim, projeto de Burlle Marx, estavam localizados os jogos e brinquedos para as crianças e a pequena piscina.

A estrutura do edifício era composta pelo sistema pilar/viga, com malhas paralelas de pilares que acompanham o desenho de sua implantação. Sua vedação era totalmente independente do corpo estrutural, apesar de suas paredes internas acompanharem a disposição dos pilares. O desenho dos pilares complementa o desenho da fachada

principal, sendo estes destacados em pastilhas cerâmicas de cor clara – o restante da superfície era revestido com pastilhas cerâmicas de tom acinzentado. Estes elementos, pilares, somados às aberturas horizontais das janelas, criavam uma malha composta de cheios e vazios, conferindo à fachada regularidade e simetria (figura 37).

A regularidade da fachada principal (figura 38) era interrompida por faixas verticais mais largas que marcam a caixa de escada e elevadores. As faixas, marcadas por parede contínua, eram as que comportavam os elevadores e as de tijolos de vidro eram as que iluminavam a escada e o hall entre os dois tipos de circulação vertical. A fachada sul (lateral, figura 39) não apresentava quaisquer tipos de abertura, era completamente cega.

Figura 37: Corte e fachadas.
Fonte: acervo RALMF. Redesenho: Evie Cristine Meyer.



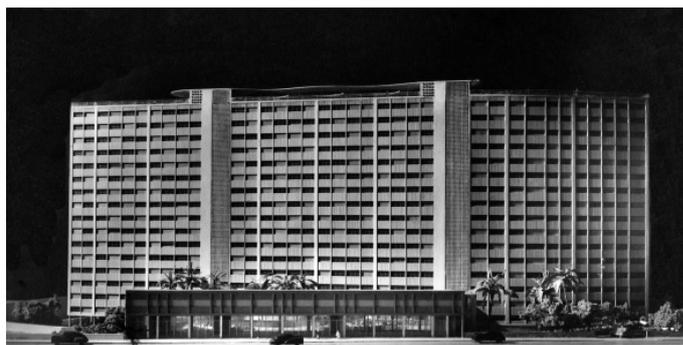


Figura 38: Fachada principal do conjunto – maquete. Fonte: MELLO, s.d. A, s.p. (acervo FAU USP).

Figura 39: Fachadas lateral (sul) e posterior do conjunto – maquete. Fonte: MELLO, s.d. A, s.p. (acervo FAU USP).

Figura 40: Vista aérea da maquete. Fonte: MELLO, s.d. A, s.p. (acervo FAU USP).

No topo do edifício, o terraço-jardim era marcado por linhas horizontais compostas por um guarda-corpo e pela marquise curvilínea (figura 40). Esta, por sua vez, parecia apoiar-se nas casas de máquinas, localizadas na continuidade das faixas de circulação vertical, finalizando o desenho da lâmina.

Dentre os princípios do Movimento Moderno defendidos e propalados por Kneese de Mello, a habitação adquiriu um significado distinto, especialmente a habitação coletiva. Entende-

se que o Edifício Japurá, que resultou de um desenvolvimento do IAPC Cidade Jardim, foi uma proposta moderna de habitação, pois procurou solucionar o problema da moradia por intermédio da verticalização, coletivização e racionalização. Neste edifício, encontrava-se aplicada, também, a noção de habitação desenvolvida pelo arquiteto, onde a moradia é um de seus elementos. A habitação passa a ser entendida como um complexo onde se desenvolve a vida urbana, em que a casa é apenas um dos elementos.

¹⁵ Sobre o Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, ver: BARBARA, Fernanda. Duas tipologias habitacionais: o conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e análise de dois projetos realizados em São Paulo na década de 1950. 2004. 332 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Figura 41: Croqui explicativo do arquiteto para implantação dos edifícios. Fonte: Acrópole, 1953, n.º. 182, p. 75.

Neste conjunto residencial, o arquiteto Eduardo Kneese de Mello utilizou, como elementos de composição do projeto, alguns dos pontos básicos do Movimento Moderno tais como pilotis, terraço-jardim, serviços acoplados à habitação e janelas horizontais. Esses elementos são significativos, pois indicam claramente as transposições dos modelos modernos ou corbusierianos.

Assim, projetado em 1945, o conjunto residencial da Rua Japurá instalou no Brasil os conceitos modernos da *Unidade de Habitação*, conceito este que começou a ser defendido por Le Corbusier nos anos de 1920, mas que somente foi concretizado em obra com a construção da Unidade de Habitação de Marselha (1945-1952).

Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa

Nome atual: Edifícios Guapira e Hicatu.

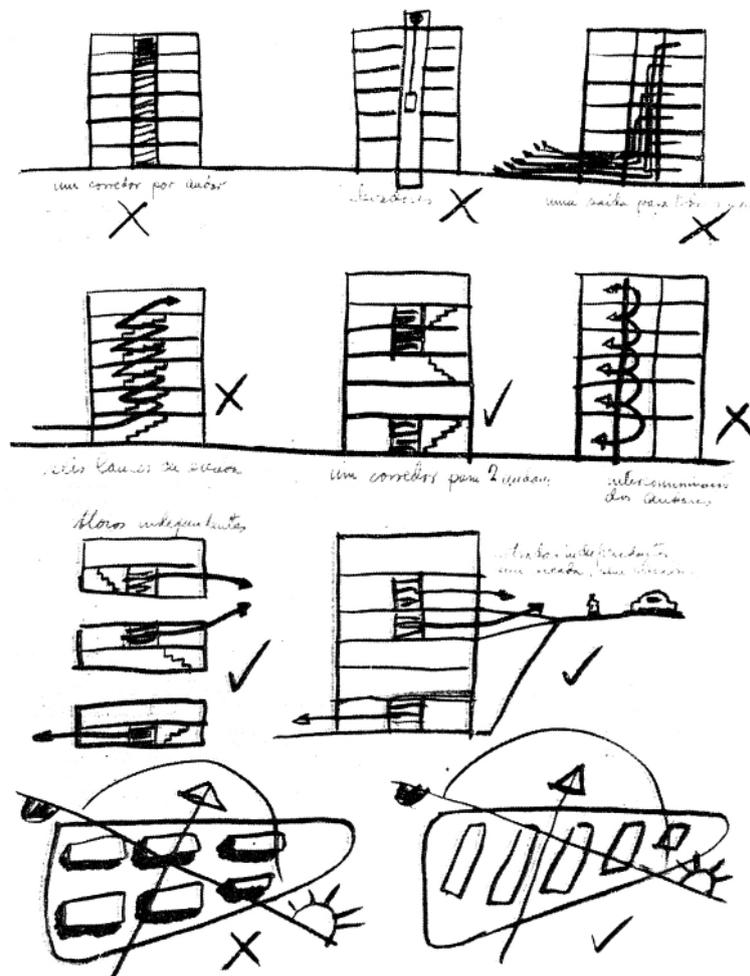
Proprietário: Banco Hipotecário Lar Brasileiro.

Arquiteto: Eduardo Kneese de Mello.

Ano: 1952 (projeto); 1953 (construção).

Endereço: Rua José de Queirós Aranha, 155 e 185, Jardim Ana Rosa – São Paulo, SP.

O Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa¹⁵, empreendimento imobiliário privado de grandes proporções, foi promovido pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro, para a pequena burguesia paulistana no início da década de 1950. A primeira versão do projeto compreendia um edifício de uso misto (residencial e comércio), residências isoladas e casas geminadas. Todos esses projetos eram de autoria de



arquitetos conceituados, como Abelardo de Souza, Salvador Candia, Plínio Croce, Roberto Aflalo e Walter Saraiva Kneese. Contudo o projeto sofreu duas grandes alterações: a primeira em 1951, com a inserção de seis edifícios residenciais projetados por Eduardo Kneese de Mello na quadra de maior extensão, e a segunda em 1954, a última versão, onde é definida a substituição de quatro edifícios projetados por Kneese de Mello por duas novas lâminas, projetadas pelo arquiteto Salvador Candia.

O projeto do arquiteto Eduardo Kneese de Mello¹⁶ partiu da compreensão das características do terreno em que seriam implantados os edifícios. Em formato triangular, a quadra delimitava-se pelas ruas Alceu Wamosi, Barão Anhumã e Dr. José de Queiroz Aranha. O terreno apresentava um desnível de cerca de dez metros entre as ruas Alceu Wamosi e Dr. José de Queiroz Aranha. Por intermédio dos croquis do arquiteto, percebe-se que a topografia e orientação foram determinantes na escolha do partido.

A opção do arquiteto por apartamento duplex, como já utilizado nos Conjuntos Residenciais do IAPI e IAPC, visava conciliar a economia na construção,

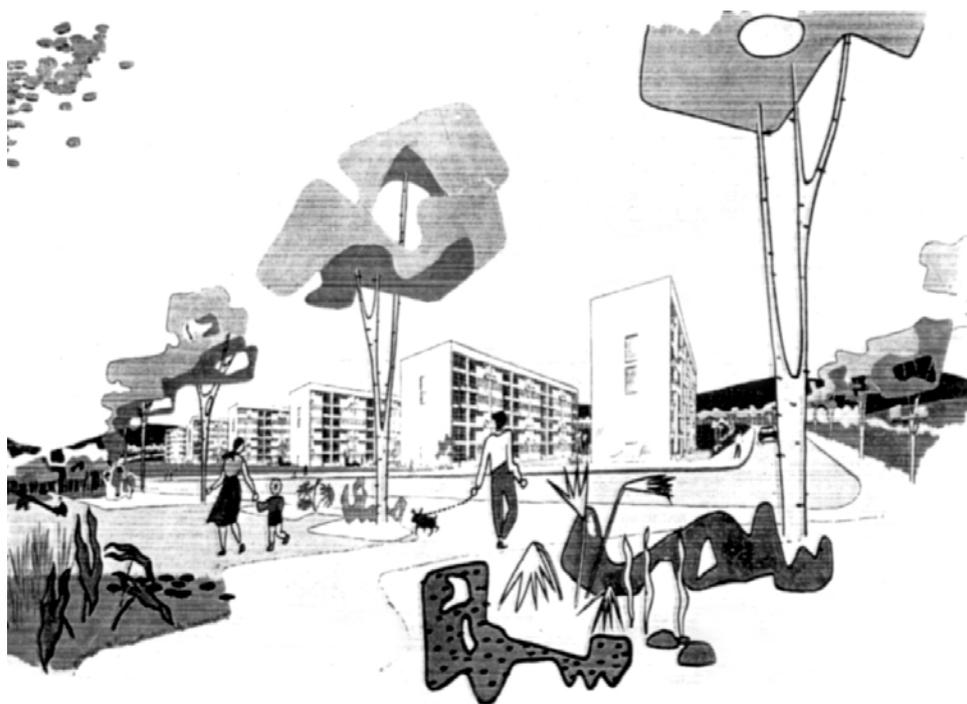
a racionalização e à minimização dos espaços de uso comum. Essa escolha reduziria a metragem ocupada pela circulação horizontal, pois os seis pavimentos previstos necessitariam de, apenas, três níveis de acesso.

A solução adotada (figura 42) aproveitou o desnível existente; portanto, da via de cota mais alta, a rua Dr. José de Queiroz Aranha, poderiam ser acessados, descendo ou subindo meio nível, os dois níveis superiores de apartamentos. O acesso aos apartamentos do nível inferior era feito diretamente pela Rua Alceu Wamosi. Sem necessitar de escada ou elevador; os meios níveis eram vencidos por rampas que cruzavam, suspensas, o jardim do nível térreo. Esses eram, portanto, importantes fatores de economia da construção.

Os edifícios encontravam-se implantados (figura 43), diagonalmente, em cinco lâminas paralelas à linha norte-sul, visando boa insolação em todos os cômodos. Outro pequeno edifício, de dimensões menores, foi projetado na extremidade do terreno, na confluência das ruas Wamosy e Dr. José de Queiroz Aranha.

¹⁶ O projeto analisado é aquele desenvolvido por Eduardo Kneese de Mello em 1952, onde a quadra do Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa, foi trabalhada como um todo, prevendo a construção de 198 unidades habitacionais. Não foi considerada a última alteração realizada em 1954, quando o número de unidades foi reduzido a 42, devido à implantação do projeto do arquiteto Salvador Candia.

Figura 42: Croqui do arquiteto Kneese de Mello com os seis edifícios a serem construídos conforme projeto. Fonte: Acrópole, 1953, n.º 182, p. 74.



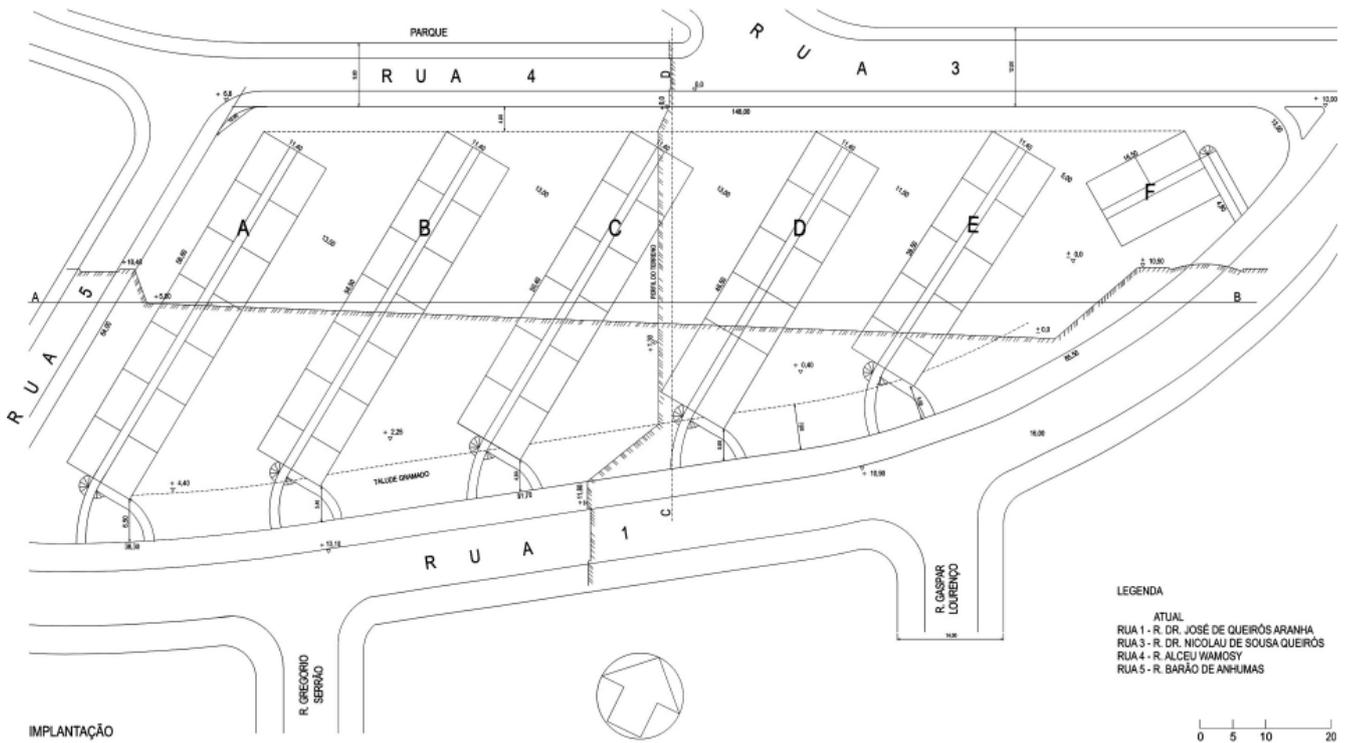


Figura 43: Implantação do projeto original de 1952. Fonte: BARBARA, 2004, p. 155. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 44: Escada externa de acesso aos demais pavimentos do edifício Hicatu. Fonte: acervo FAU USP.

Entre os edifícios, o arquiteto projetou um amplo recuo livre, na cota do terreno, com um grande talude para realizar a concordância com o nível da rua superior. O pavimento térreo foi concebido como um amplo jardim, com pouquíssima área pavimentada. Seu acesso realizava-se por escadas circulares (figura 44) que ligavam o térreo às rampas de acesso de cada um dos pavimentos.

Nota-se, entretanto, que os fatores de economia apontados acima, referentes à circulação horizontal,

em função da implantação das lâminas (quase perpendiculares às ruas de acesso), fizeram com que houvesse um único ponto de acesso. Tal solução gerou um longo corredor que precisava ser integralmente percorrido pelo morador do último apartamento (BARBARA, 2004).

Cada pavimento era composto por catorze unidades habitacionais que se distribuíam ao longo do corredor central. Internamente, a organização espacial dos apartamentos duplex se dava da seguinte maneira:

sala, cozinha, lavanderia, quarto e sanitário de serviço, no pavimento de acesso; um banheiro, dois dormitórios e, ainda, uma pequena varanda no pavimento superior.

Os dois pavimentos, entretanto, estavam voltados para a mesma fachada, ou seja, era uma planta duplex que não utilizava uma configuração muito empregada por arquitetos ligados ao Movimento Moderno, em que o pavimento contrário ao de acesso, não tendo corredor de circulação, estendia-se para as duas fachadas, possibilitando ventilação cruzada e insolação no apartamento em diferentes períodos do dia (figuras 45 e 46).

As fachadas laterais dos edifícios eram marcadas pela presença de elementos vazados, utilizados como fechamento das áreas de lavanderia, banheiro e quarto de serviços. Nota-se, também, o uso de caixilhos plenos na sala e da janela contrapesada nos dormitórios, distinguindo os ambientes. As fachadas principal e posterior eram caracterizadas pelo telhado em forma de asa de borboleta (figura 47).

Os seis edifícios projetados por Eduardo Kneese de Mello eram iguais, gerando padronização e racionalização. Havia, somente, uma pequena variação na dimensão dos mesmos, em função do formato triangular da quadra em que estavam implantados. Pode-se entender que, nesta obra, a privacidade, economia e qualidade das soluções adotadas, metas sempre perseguidas em seus projetos, expressavam-se de uma maneira eloqüente. O arquiteto conseguiu aliar economia à qualidade, preceito compartilhado por um grupo de arquitetos, defendido e sistematizado no I Congresso Brasileiro de Arquitetos¹⁷ (1945), no qual Eduardo Kneese de Mello teve participação importante.

A noção de habitação como um conjunto de funções (moradia, lazer, comércio, etc.) que vinha sendo desenvolvida pelo arquiteto em seus projetos anteriores não comparece no Conjunto Residencial Jardim Ana Rosa. Assim, não existem, como no projeto para o IAPC Cidade Jardim e IAPI Japurá, serviços e equipamentos coletivos como extensão da habitação. Os espaços coletivos nesse projeto eram os recuos entre os edifícios, tratados como espaços destinados ao lazer, com grandes áreas ajardinadas.

Não estava evidenciada uma preocupação social, talvez pelo fato de ter sido projetado para a pequena burguesia paulistana e por ser um empreendimento comercializado por uma instituição privada, o Banco Hipotecário Lar Brasileiro. Entretanto, existia uma grande preocupação com o conforto e salubridade dos usuários.

Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo – CRUSP

Proprietário: Fundo para construção da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira” (Fundusp).

Arquitetos: Eduardo Kneese de Mello, Joel Ramalho Jr. e Sidney de Oliveira.

Colaboradores: Arthur Pitta e Lello Ranzani (estrutura), Homero Lopes (instalações).

Construção: Ribeiro Franco Engenharia S.A. (pré-moldados) e Servix Engenharia Ltda. (processo tradicional).

Ano: 1961 (projeto); 1963 (construção).

Endereço: Rua do Anfiteatro, blocos A, B, C, D, E, F, e G, Cidade Universitária – São Paulo, SP.

Premiação: Grande Medalha de Ouro do XII Salão Paulista de Arte Moderna.

O terreno destinado ao Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo (CRUSP) situava-se entre o centro social e o setor esportivo da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira. No sentido longitudinal, encontrava-se entre a avenida principal e a avenida marginal à raia olímpica.

O projeto, destinado à moradia estudantil deveria ter capacidade para alojar de 2000 a 2500 alunos, totalizando 45 mil m². Para tanto, inicialmente, os arquitetos estudaram vários tipos de acomodações, com um, dois ou três alunos por dormitório. Depois de discutidos esses estudos pela comissão planejadora, os diretores do Fundo para a Construção da Cidade Universitária (Fundusp) optaram pela solução de unidades com capacidade para três alunos.

Para atingir o número de estudantes foram projetados doze edifícios com seis pavimentos, sobre pilotis e com um recuo de oitenta metros entre eles. O recuo somado à área livre do pavimento térreo foi projetado para o lazer, como descanso para os estudantes (figuras 48 e 49).

¹⁷ A finalidade do I Congresso Brasileiro de Arquitetos foi estudar a função social dos arquitetos em problemas cujas soluções interessavam ao bem estar das coletividades. Os temas da construção das casas populares e organização das coletividades humanas foram destacados. Como paradigmas de solução ideal foram evidenciados os princípios do Movimento Moderno e referências ao IV CIAM (Atenas, 1933).

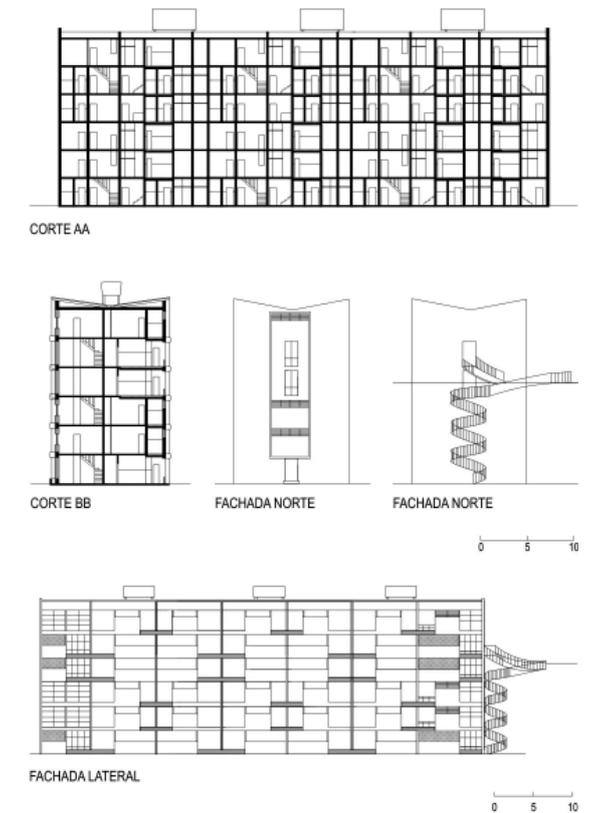
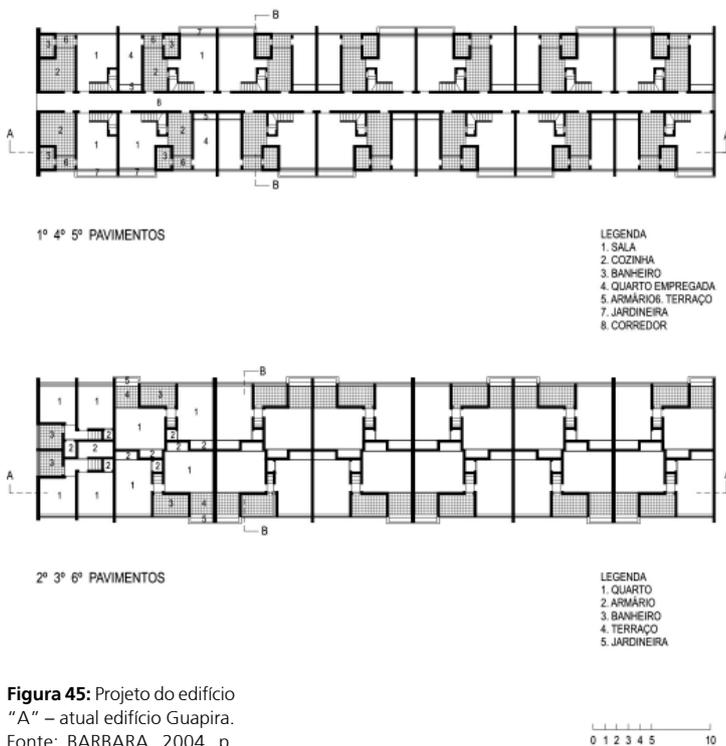
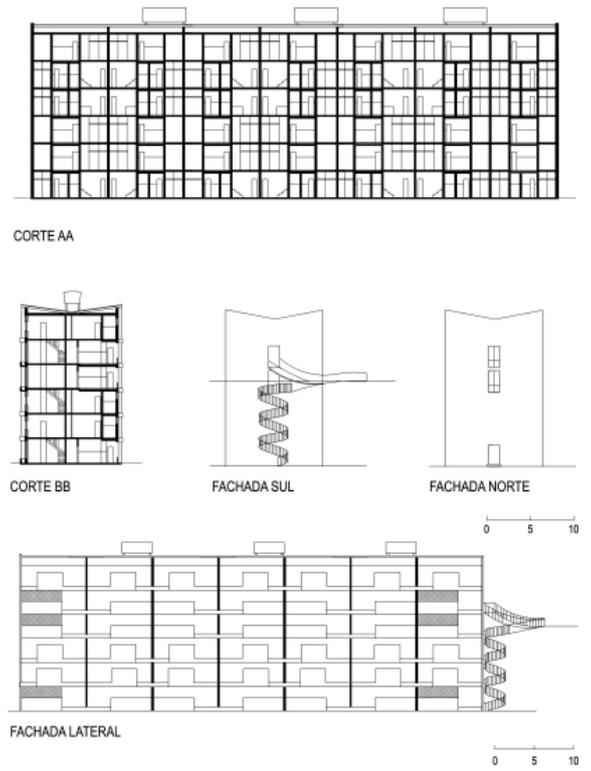
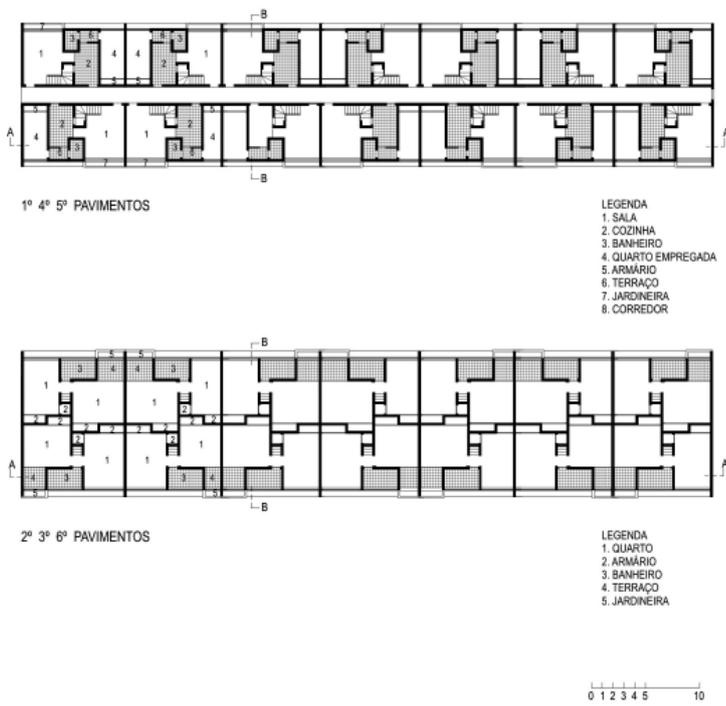


Figura 45: Projeto do edifício "A" – atual edifício Guapira. Fonte: BARBARA, 2004, p. 156-7. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Figura 46: Projeto do edifício "B" – atual edifício Hicatu. Fonte: BARBARA, 2004, p. 160-1. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

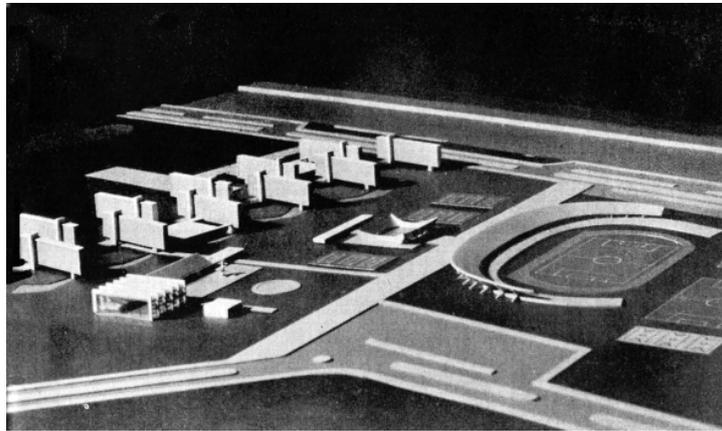
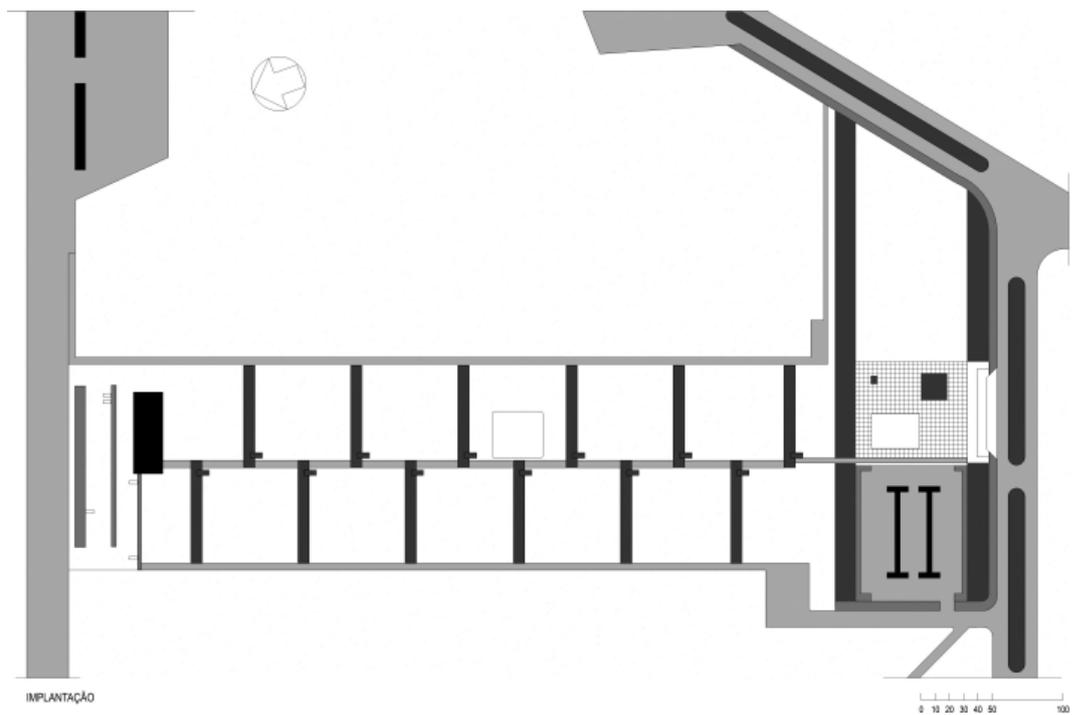


Figura 47: Acesso principal do edifício Hicatu e fachada lateral. Fonte: acervo FAU USP.

Figura 48: Maquete do conjunto. Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, n.º. 1, p. 39.

Figura 49: Implantação do Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo, CRUSP, 1961. Fonte: acervo FAU USP. Redesenho: Evie Cristine Meyer.



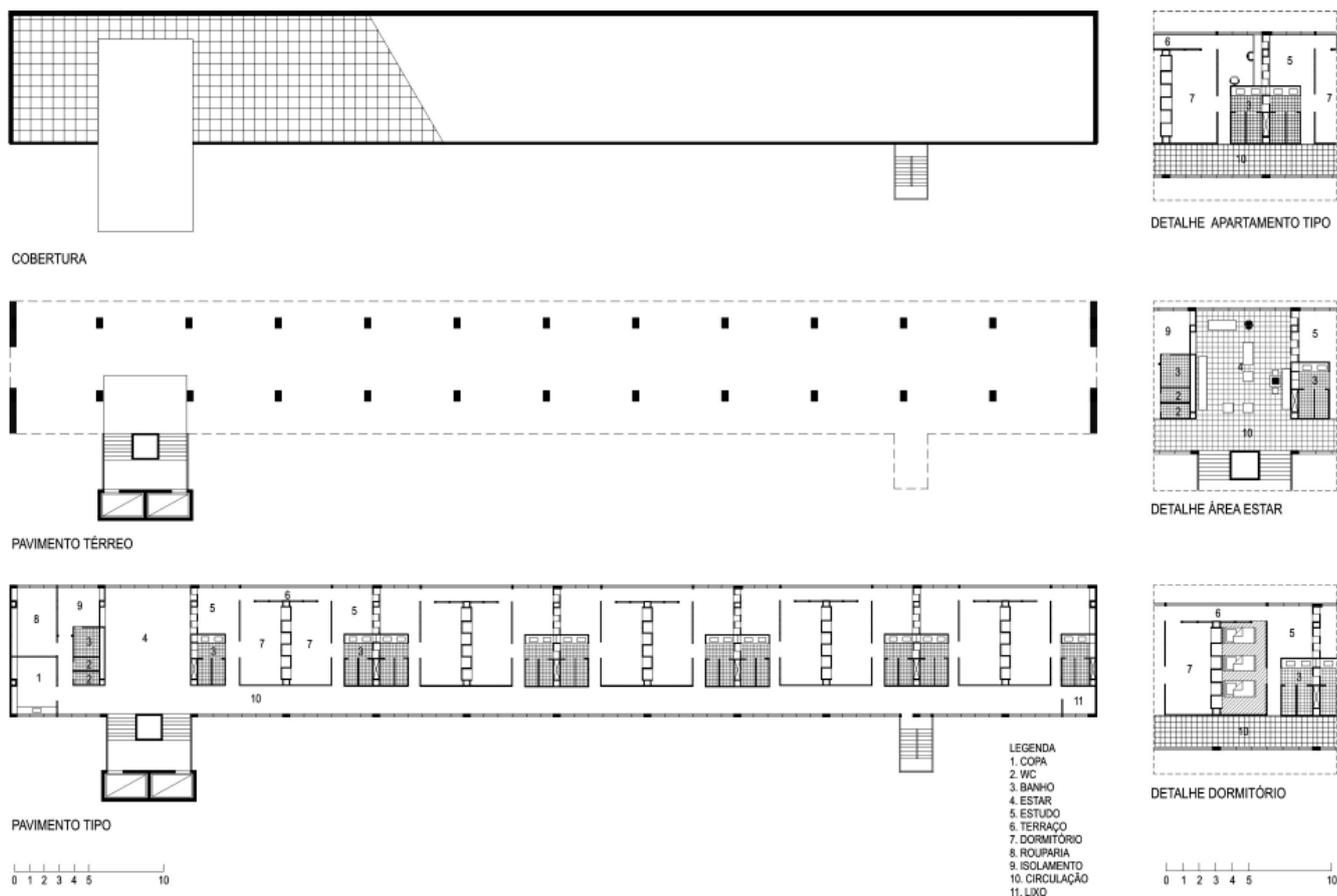


Figura 50: Plantas dos pavimentos, CRUSP, 1961. Fonte: acervo FAU USP. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

Cada pavimento possuía dez apartamentos, uma sala de estar, enfermaria, rouparia, copa, área para lixo e terraço. Os apartamentos, por sua vez, eram compostos por: dormitório com três camas e respectivos armários embutidos; sala de estudos com estantes de livros e mesa para três alunos; sanitário e wc. A solução adotada procurou viabilizar o uso simultâneo de cada apartamento por três alunos (número de habitantes por unidade), de tal forma que, por exemplo, fosse possível usar a sala de estudos ou sanitário, sem incomodar alguém que estivesse dormindo (figura 50).

Os edifícios eram servidos por dois elevadores. Com o intuito de reduzir os custos da manutenção e a otimização do uso, usou-se a parada dos elevadores nos patamares intermediários das escadas, entre dois pisos. A circulação vertical situava-se em um dos extremos de cada bloco junto ao passeio coberto, que os alinhava ortogonalmente e garantiam o controle do acesso e saída dos moradores. Havia uma escada de emergência no outro extremo de

cada bloco. Essa escada era externa, em concreto aparente e não tocava o chão, para evitar o seu uso como segundo acesso (figura 51).

Para contemplar a vida acadêmica dos estudantes, os arquitetos projetaram um passeio coberto (figura 52) que estabelecia ligações entre os edifícios residenciais e entre eles e as áreas de convívio, lazer e estudo. Aproveitando o passeio coberto, foi proposta a construção de um restaurante entre o quinto e sexto blocos, para refeições rápidas, e um salão de chá e refrescos, na área compreendida entre o último bloco e a avenida principal. Nas duas extremidades do passeio, foram propostos, também, abrigos para espera de transporte.

Os arquitetos propunham, ainda, que:

(...) esse passeio coberto se prolongue cruzando em túnel a avenida principal e ligando o setor residencial à área em que estão situados vários dos novos Institutos. Uma outra passagem ligaria



Figura 51: Detalhe da escada de emergência. Fonte: acervo FAU USP.

Figura 52: Vista do passeio coberto de ligação entre os edifícios. Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 97.



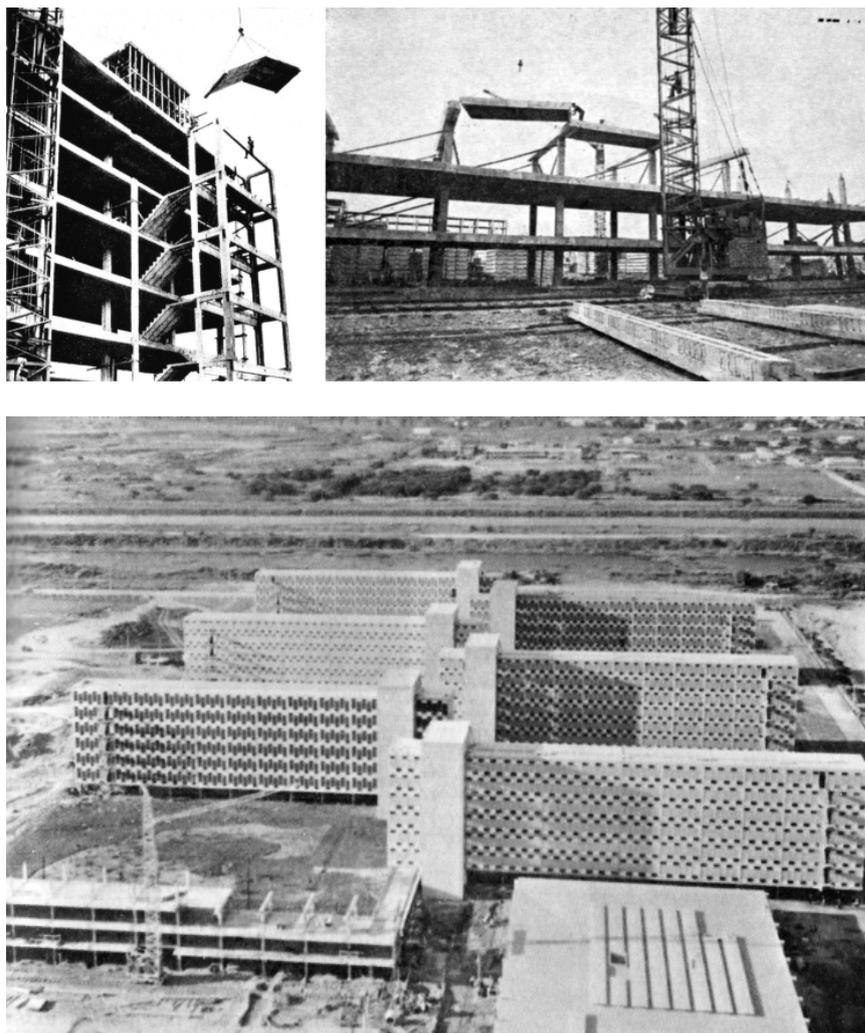


Figura 53: Detalhes da fase de montagem da estrutura pré-fabricada. Fonte: Revista do Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie, s/d, n.º. 1, p. 47-8.

Figura 54: Vista aérea do conjunto com os seis primeiros blocos já executados em concreto convencional, e ao fundo, os restantes em execução com estrutura pré-fabricada. Fonte: Acrópole, 1964, n.º. 303, p. 94.

os moradores do setor residencial ao centro social, onde se encontram os clubes estudantis, o grande restaurante, a estação rodoviária, etc. (ACRÓPOLE, 1964, n.º. 303, p. 95).

O sistema estrutural de concreto armado independia da vedação (figura 53). As divisões internas eram feitas por meio de painéis leves de madeira e armários. O estudo elaborado pelos autores apontou uma economia que permitira dobrar o número de edifícios, desde que fosse utilizada a estrutura de concreto pré-fabricada e os demais componentes industrializados, previstos no projeto.

Com estrutura em concreto armado moldada in loco e pré-fabricada, vedação em painéis pré-fabricados e cobertura em laje plana impermeabilizada, os

seis primeiros blocos foram inaugurados em 1963 (figura 54) e abrigaram os atletas do IV Jogos Pan-americanos em São Paulo.

As fachadas eram simétricas e ritmadas, marcadas pela estrutura aparente (figura 55). A caixilharia foi elaborada especificamente para este projeto, sendo responsável pelo ritmo e simetria das fachadas. Na fachada principal (figura 56) encontravam-se as janelas tipo guilhotina dos dormitórios e salas de estudo, executadas em alumínio. O fechamento do peitoril foi executado com chapas coloridas de Formiplac, sendo cada edifício de uma cor diferente. Na fachada posterior (figura 57), dos corredores, os caixilhos eram divididos em três partes, sendo a maior delas revestida por painel colorido; outra responsável pela ventilação contínua por intermédio de veneziana

de alumínio; e a terceira em vidro, assegurando a iluminação. Essas últimas intercalavam-se ora em cima, ora embaixo.

Os edifícios "originais", ou seja, aqueles que foram construídos pela Construtora Ribeiro Franco, de acordo com as prescrições do projeto de Eduardo Kneese de Mello e equipe, passaram por reformas, especialmente para retirar os painéis corrugados das empenas laterais. Outros edifícios foram, posteriormente, construídos com projeto do Fundusp, mantendo apenas as linhas gerais do projeto original.

O conjunto foi desfigurado e a sua integridade foi destruída: um dos edifícios originais foi demolido (figura 58) pelo Reitor Gama Filho, posteriormente

ministro do governo militar e signatário do AI 5. O fez porque entendia que a disposição original dos edifícios colocava a reitoria (antiga) fora da perspectiva central da entrada da Cidade Universitária.

Os edifícios passaram recentemente por uma ampla manutenção e reforma, descaracterizando o projeto original. A proposta de térreos livres e contínuos, sobre pilotis, foi esquecida e atualmente encontram-se fechados, como um pavimento comum destinado a uso diverso. Os espaços entre os blocos, originalmente livres para atividades de lazer dos estudantes, foram ocupados por edifícios e que possuem usos conflitantes ou alheios ao uso habitacional.

Neste projeto, os princípios difundidos pelo Movimento Moderno, principalmente por Le Corbusier e

Figura 55: Cortes e fachadas.
Fonte: acervo FAU USP. Redesenho: Evie Cristine Meyer.

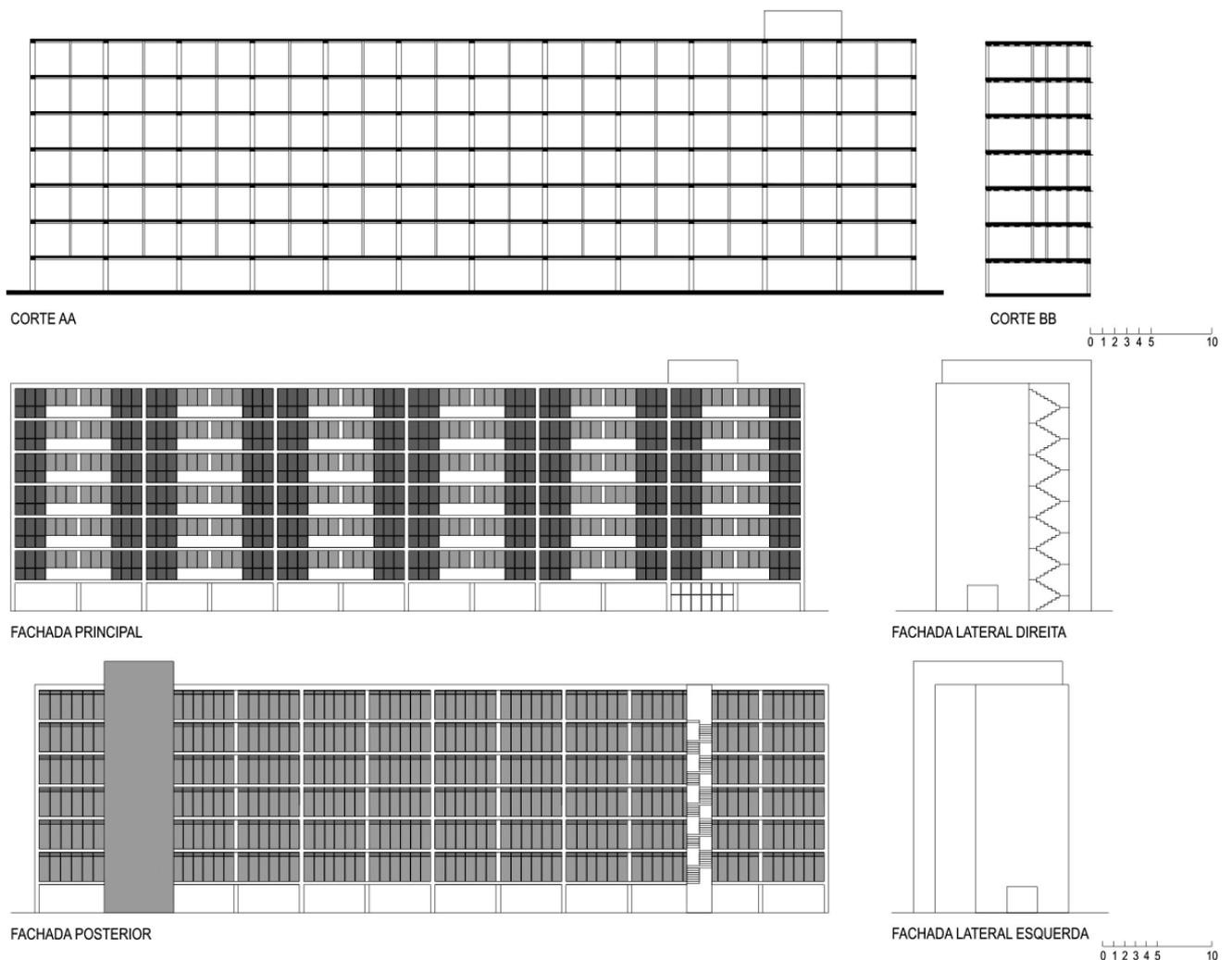




Figura 56: Fachada principal.
Fonte: Acrópole, 1964, nº. 303, p. 95.

Figura 57: Fachada posterior dos primeiros blocos construídos. Fonte: acervo FAU USP.

Figura 58: Obras do sistema viário de acesso à Reitoria e ao CRUSP. Fonte: UNIVERSIDADE de São Paulo, 2005, p. 142.

pela Carta de Atenas (1933), estavam presentes. Destaca-se o uso de pilotis, responsável pela liberação do pavimento térreo e integração deste com a área de lazer criada por meio dos amplos recuos entre os edifícios; os serviços acoplados à habitação, sendo estes diferenciados por estarem inseridos dentro da cidade universitária; a boa e farta insolação, tendo em vista que os dormitórios e salas estavam implantados voltados para o leste; e, finalmente, a preocupação – manifestada anteriormente no Conjunto Residencial do IAPC – com o passeio coberto, responsável pela ligação entre as vias principais propiciando transporte aos estudantes.

O projeto de 1961 do Conjunto Residencial para estudantes da Universidade de São Paulo pode ser considerado como uma proposta pioneira de pré-fabricação em habitação no Brasil. É contemporâneo ao projeto do Conjunto Residencial para professores da Universidade de Brasília (1962–1963) do arquiteto João Filgueiras Lima, Lelé, onde o interesse pelo conjunto deriva, principalmente, da tecnologia de pré-moldagem parcial empregada em sua construção.

Considerações finais

Essa pesquisa visualizou nos percursos do arquiteto Eduardo Kneese de Mello a importância das relações entre teoria e prática da Arquitetura. Ao intentar o estudo das relações entre os textos e palestras proferidas por Kneese com seus projetos e obras de arquitetura, pôde traduzir como idéias e conceitos incorporaram-se à produção arquitetônica. Dessa forma, além de sua militância pelos princípios do modernismo, os maiores legados de Eduardo Kneese de Mello foram vários de seus projetos. Suas implantações tornaram-se heranças muito significativas para as gerações futuras, pois suas obras traduziram, em formas palpáveis, os princípios e a estética do Movimento Moderno, materializando os ideais que tanto Kneese proferiu e defendeu ao longo de sua trajetória.

Referências bibliográficas

- ARCHITECTURAL FORUM: The magazine of building. Boston: [s.n.], 1917-1951. Mensal.
- ACRÓPOLE: arquitetura, urbanismo, decoração. São Paulo: Técnicas Brasileiras, 1938-1971. Mensal.

ARQUITETURA Contemporânea no Brasil. Rio de Janeiro, Editora Bertum Carneiro, 1947.

BARBARA, Fernanda. Duas tipologias habitacionais: o conjunto Ana Rosa e o Edifício Copan. Contexto e análise de dois projetos realizados em São Paulo na década de 1950. 2004. 332 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOESIGER, Willy. Le Corbusier. São Paulo, Editora Martins Fontes, 1994.

BONDUKI, Nabil Georges. Origens da Habitação Social no Brasil. Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria. São Paulo, Estação Liberdade, FAPESP, 1998.

KNEESE DE MELLO, Eduardo. Construções Residenciais. São Paulo, União Paulista de Imprensa, 1938.

_____. Acrópole de Athenas. São Paulo, Acrópole, nº 1, p. 14-18, 1938 a.

_____. Impressões do V Congresso Pan-americano de Arquitetos. São Paulo, Acrópole, nº 25, p. 24-28, 1940.

_____. IAPC. Delegacia de São Paulo. Conjunto Residencial Cidade Jardim. Anteprojeto II. Arquiteto Eduardo Kneese de Mello. São Paulo, [s.n.], 1945. (acervo RALMF).

_____. A carta de Atenas (tradução). São Paulo, Acrópole, nº 109, p. 1-4, 1947.

_____. Apartamentos para industriários. IAPI delegacia de São Paulo. Rua Japurá – São Paulo. São Paulo, Acrópole, nº 119, p. 281-287, 1948.

_____. Setor residencial da Cidade Universitária “Armando Salles de Oliveira”. In: ETERNIT do Brasil Cimento Amianto S.A. Eternit na Arquitetura Brasileira Contemporânea Brasileira. São Paulo: Eternit, 1967, [s.p.].

_____. Evolução da habitação no Brasil. Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, 8 de novembro de 1964. In: KNEESE DE MELLO, Eduardo. *Arquitetura Brasileira: Palestras e Conferências*. São Paulo, FAU USP, 1975, p. 119-129.

_____. *Depoimento*. In: IAB-SP. *Arquitetura e Desenvolvimento Nacional*. Depoimentos de Arquitetos Paulistas. São Paulo, Editora Pini, p. 13-15, [1979?].

_____. Projeto de um prédio de apartamentos a rua Japurá. São Paulo: IAPI, [s.d.]. (acervo FAU USP).

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Modernizada ou Moderna? A arquitetura em São Paulo, 1938-45. 1997. 356 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PROJETO: revista brasileira de arquitetura, planejamento, desenho industrial, construção. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1977-1995. Irregular.

REGINO, Aline Nassaralla. Eduardo Kneese de Mello I arquiteto: análise de sua contribuição à habitação coletiva em São Paulo. 2006. 293 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2006.

- REGINO, Aline Nassaralla; SANTOS, Ademir Pereira dos; et. al. Arquitetura atribuição do arquiteto: homenagem ao centenário do arquiteto Eduardo Augusto Kneese de Mello (1906-1994). São Paulo: Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2005.
- RUBANO, Lizete Maria. Cultura de projeto: um estudo das idéias e propostas para habitação coletiva. 2001. 2 v. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- REVISTA DO DIRETÓRIO ACADÊMICO DA FACULDADE DE ARQUITETURA MACKENZIE. São Paulo: A Faculdade, 1958-. O primeiro número da "Revista do DAFAM" corresponde ao quinto número do jornal "O DAFAM".
- REVISTA DE ENGENHARIA MACKENZIE. São Paulo : Escola de Engenharia Mackenzie: Centro Acadêmico Horácio Lane, 1915-. Desconhecida.
- SANTOS, Lena Coelho. Arquitetura Paulista em torno de 1930 – 1940. 1985. 130 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900 – 1990. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1997.
- THOMAZ, Dalva. Eduardo Kneese de Mello – documento. Revista AU. São Paulo: n°45, dezembro 1992 / janeiro 1993, p. 80-88.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; CENTRO DE PRESERVAÇÃO CULTURAL. Cidades Universitárias: Patrimônio Urbanístico e Arquitetônico da USP / Centro de Preservação Cultural. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

ACERVOS

acervo Unicentro – Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

acervo FAU USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

acervo RALMF – arquiteto Roberto Alves de Lima Montenegro Filho.

Eduardo Augusto Kneese de Mello: his contribution to the collective housing in São Paulo

Aline Nassaralla Regino, Rafael Antonio Cunha Perrone

Abstract

This article is about the work of Eduardo Kneese de Mello as an architect. It shows the professional as an active and distinguished figure in the dissemination and assertion of the Brazilian Modern Architecture, more precisely in São Paulo, during the 40's. It also shows his contribution to the Brazilian Architecture mainly through the quality of his work, his texts and his commitment to the broadening of passing on the culture of Architecture and Urbanism, added to the defense and legal consolidation of the professional qualifications of Architects. His work reveals, through the assessment of eight projects, its involvement, quite pioneer, to the collective housing projects in São Paulo.

Keywords: Eduardo Kneese de Mello, collective housing, modern architecture.

Eduardo Augusto Kneese de Mello: su contribución para la vivienda colectiva en São Paulo

Aline Nassaralla Regino, Rafael Antonio Cunha Perrone

Resumen

El tema de este trabajo es la trayectoria profesional de Eduardo Kneese de Mello. Caracteriza al arquitecto como personaje activo y fundamental para la divulgación y afirmación de la Arquitectura Moderna en Brasil, condición verificada en São Paulo, con mayor intensidad, a partir de 1940. Expone su colaboración para la arquitectura brasileña relacionando la calidad de su obra, con los textos que ha producido y con su aguerrido empeño en el proceso de expansión de la enseñanza de la Arquitectura y Urbanismo, incluso para la defensa y consolidación legal de las atribuciones profesionales del arquitecto. El trabajo muestra, por medio del análisis de ocho proyectos, su contribución, a veces pionera, para la vivienda colectiva en São Paulo.

Palabras clave: Eduardo Kneese de Mello, vivienda colectiva, arquitectura moderna.